

VHS

Do not touch the tape inside

Insert this side into recorder



**Memórias de
um Cinéfilo
dos
Anos 80**

Julio Maziero





DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Memórias de um Cinéfilo dos Anos 80

Julio Maziero

MEMÓRIAS DE UM CINÉFILO DOS ANOS 80

JULIO MAZIERO

Revisão
Julio Maziero

Capa e contracapa
Arte: Julio Maziero

Todos os direitos reservados: ®JulioMaziero2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo;

Ao Cláudio Leyria, meu amigo-irmão, que me ajudou a lembrar alguns fatos e datas e colaborou com a escrita de alguns capítulos;

Aos meus amigos que, com sua presença e parceria, tornaram a minha vida muito mais rica em experiências, companheirismo e criatividade;

Aos familiares e todos aqueles que, de alguma forma, nos ajudaram a alimentar nosso amor pelo cinema.

Para Cabral e Marcelo...

Introdução

Eu sempre curti histórias sobre turmas de amigos, em filmes, livros ou séries de televisão. Talvez porque eu tenha experimentado isso de forma bastante intensa e transformadora na vida real.

As páginas deste livro trazem histórias reais da minha turma, nossas aventuras, peripécias e dificuldades para curtir e, principalmente, colecionar, em plenos anos 80, tudo sobre a nossa grande paixão: o Cinema.

Na década de 80 era mais difícil até mesmo assistir àquele filme tão esperado. Naquela época dependíamos apenas do que estresse nos cinemas ou fosse exibido pelos canais de TV. E só. Nada de streaming, download da Internet ou Youtube. O agora quase ultrapassado DVD não passava de uma ideia saída da ficção científica, e o bom e velho videocassete ainda era coisa para ricos. Colecionar qualquer item relacionado ao cinema, então, era uma missão quase impossível, principalmente para quem quase não tinha grana, como era o meu caso e o de minha turma de amigos, formada pelo Carlos Cabral, César Machado, Cláudio Leyria, Fábio Mendes, Marcelo Denny, Valmir Santos, Vítor Carvalho e Waldecir Medeiros. Mas nós sempre demos um jeitinho...

As histórias que relembro aqui foram vividas por mim e por meus amigos, porém, com certeza, também serão familiares à maioria dos cinéfilos. Afinal, o amor ao Cinema é universal e proporciona momentos e experiências similares e inesquecíveis aos apaixonados pela Sétima Arte.

Essas memórias nem sempre estarão na ordem cronológica exata em que aconteceram, pois as lembranças, distanciadas pelo tempo, se entrelaçam e criam seus próprios caminhos para se revelarem ao leitor.

Em três tópicos do livro (“Conan o Bárbaro e o crime federal”, “A mania do registro de filmes” e “O Jornal do Killers e a Rádio Urucubaca”) contei com a participação do Cláudio Leyria na elaboração dos textos.

A sessão já vai começar!

**“Eu nunca mais tive amigos como os que eu tive
quando tinha 12 anos.
Meu Deus, e alguém tem?”**
Filme “Conta Comigo”

**“A vida não é como você viu no cinema.
A vida é mais difícil”.**
Filme “Cinema Paradiso”

Abrem-se as cortinas

Desde que eu me lembro por gente, sempre gostei de filmes, séries e afins. Das exhibições matutinas e vespertinas de “Os Thunderbirds”, “Viagem ao Fundo do Mar”, “Túnel do Tempo”, “Jornada nas Estrelas”, “Daniel Boone” e muitos outros seriados e filmes, até as primeiras sessões numa sala de cinema, algum tempo se passou. Imagem, história e música, desfilando por qualquer tamanho de tela, sempre capturaram a minha atenção e me fizeram sonhar. E continuam fazendo isso até os dias de hoje, mesmo com os cabelos já grisalhos. Nessa jornada cinéfila, o saudoso Cine Palácio, de Pindamonhangaba, minha cidade natal, localizada no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, teve presença marcante. Ele representou, na minha vida de cinéfilo, aquele adulto que segura as mãos de um bebê para ensiná-lo a dar seus primeiros passos. Praticamente cada poltrona daquela grande sala, pintada de azul e vermelho, tem uma pequena participação em minha vida. Cada vez que a volumosa cortina bege-amarelada se abria, eu sabia que novas emoções me arrebatariam. E sempre foi assim. Dos primeiros desenhos, passando pelos primeiros filmes, até os primeiros namoros, milhares de quilômetros de celulóide rodaram diante da lente dos projetores do Cine Palácio e ficaram gravados em minhas retinas. Por isso, ainda sinto uma dor no coração cada vez que entro nas Casas Pernambucanas e constato que os lugares onde atualmente estão aquelas araras de roupas e as estantes com eletrodomésticos, uma vez foram ocupados pelos meus sonhos. Pelos olhos brilhando e o sorriso largo na cena final de “Guerra nas Estrelas” (sim, para mim, o Episódio 4 terá sempre esse nome); pelo coração batendo forte devido à explosão de emoção quando “Superman”, após salvar Lois

Lane que caíra do prédio, segura o helicóptero com apenas uma das mãos; pelas lágrimas infantis quando Lupa, o cachorrinho do Didi, é morto pela bruxa em “Os Trapalhões nas Minas do Rei Salomão” e depois ressuscitado graças a um pó mágico; ou ainda pela sensação de maravilhamento ao final da sessão de “Os Caçadores da Arca Perdida”, que fui assistir pensando se tratar de um faroeste. Todos esses momentos, e muitos outros, ainda ecoam por aquelas paredes. O Cine Palácio existe hoje somente em minha memória. Talvez até mais bonito do que ele realmente era, mas nunca menos importante do que ele verdadeiramente foi.

As cartolinas de filmes de terror

Uma das minhas primeiras coleções relacionadas ao cinema foi a de fotos de filmes de terror, na época, meu gênero favorito. Eu as colava em cartolinas. Naquele tempo, final da década de 1970, as cartolinas eram de melhor qualidade, mais resistentes, com um papel mais grosso. Eu as dobrava ao meio, no comprimento, transformando-as numa espécie de caderno com duas folhas (quatro páginas). E lá colava todas as fotos de filmes de terror que encontrava. As fontes de imagens eram, em sua maioria, revistas e jornais. No entanto, os melhores fornecedores de fotos de filmes de terror dessa efêmera coleção foram os gibis com o selo “Capitão Mistério / Bloquinho”, publicados pela Editora Bloch. Títulos como “A Tumba de Drácula”, “Cine-Mistério”, “O Lobisomem”, “Aventuras Macabras”, “Histórias Fantásticas”, “A Múmia”, “Clássicos do Pavor” e “Frankenstein”, traziam, além das histórias com os personagens título, reportagens sobre filmes de terror, repletas de fotos. E as bancas de revistas usadas de nossa cidade (falarei mais sobre elas), na verdade pequenos sebos, foram as maiores supridoras dessas publicações. A ansiedade era tanta em ter o máximo possível de fotos, que a simples menção de um filme na capa de uma revista já era motivo para aporrinhar meus pais para comprá-la. Lembro-me de uma revista masculina que trouxe uma matéria sobre o Conde Drácula. Não me recordo o nome da publicação. Eu nem imaginava o conteúdo, já que apenas havia lido uma chamada na capa da edição, que era acondicionada dentro de um saco plástico para evitar os olhos curiosos dos menores de idade. Eu infernizei tanto o meu pai que ele acabou cedendo e comprando a bendita revista. Fiquei duplamente animado, por ter conseguido a

foto de um filme do Drácula e por ter uma revista de “mulher pelada” só para mim. Ledo engano. Ao final da história, meu pai me deu somente a única foto da matéria sobre o conde vampiro, uma do Christopher Lee mordendo o pescoço de uma moça, e a bronca por tê-lo feito gastar dinheiro por causa de apenas uma imagem. A revista? Nessa eu nunca coloquei os olhos...

A Semana do Terror na TV Tupi

Naquele início dos anos 80 a programação cinematográfica na TV não era tão cheia de opções como nas décadas seguintes, mas, para o meu deleite, era abundante em filmes do meu gênero preferido. Tanto que a saudosa Rede Tupi até criou uma “Semana do Terror”. Duas ou três vezes por ano, de segunda a sexta-feira, eram exibidas produções interessantes do gênero. Graças a essas sessões pude conhecer pequenos clássicos como “A Maldição da Caveira”, “A Fera de Marrocos”, “O Horror de Frankenstein” e uma versão de “Jack, o Estripador”, na qual o assassino em série sempre perguntava para cada uma de suas vítimas se elas eram uma tal Mary Clark. Após o fechamento da Tupi, e sua posterior compra pelo empresário e apresentador Sílvio Santos, nasceu o SBT e, para a minha felicidade, as sessões de terror continuaram. Foi numa dessas ocasiões que assisti a um filme que marcou muito a minha infância e da qual guardo o DVD com muito carinho até hoje: o aterrador (e trash) “O Homem Cobra”. Naquela época tínhamos várias opções para assistir a filmes na TV: Sessão Aventura, Corujão, Primeira Exibição, Sessão de Gala, Supercine, Campeões de Bilheteria e Sessão da Tarde, na Globo; Especial do Mês, Cinema Especial e Sala Especial (falarei mais sobre essas sessões), na Record; Cinema em Casa, no SBT; e Cine Mistério, na Band. Com o tempo, as sessões de filmes foram desaparecendo gradualmente da programação televisiva. Uma pena!

Quando o sono supera a ansiedade

Numa época na qual o conceito de cinema em casa não existia e as únicas opções eram ir ao cinema ou assistir aos filmes na televisão, a atenção aos cadernos de cultura dos jornais era imprescindível para não se perder algo de bom. Especialmente os filmes de terror. Meu avô assinava “O Estado de São Paulo”, que, aos domingos, trazia a programação de TV para a semana inteira. Para o meu êxtase, numa dessas edições fiquei sabendo que a Globo exibiria, na sexta-feira seguinte, o clássico “Horror de Drácula”, estrelado por Christopher Lee e Peter Cushing. O primeiro filme da produtora inglesa Hammer com o personagem criado por Bram Stoker. O horário, uma da manhã, era mais apropriado para guardas-noturnos do que para um estudante que entrava na escola às sete horas. Isso, porém, era o que menos importava. Depois de beber várias xícaras de café, a fim de permanecer acordado, o filme teve início. Assustador e sensacional. Só que, mais implacável que o conde vampiro, foi o sono que se abateu sobre mim e me fez perder toda a parte central da trama. Dessa forma, vi apenas o início e o final do filme mais esperado da minha vida. Senti decepção e raiva de mim mesmo, todavia não desisti. Acompanhei com atenção triplicada a programação de TV no jornal, até que, por fim, quase um ano depois, a película foi reprisada e pude assisti-la na íntegra. Menos sorte eu tive na ocasião da exibição de um Globo Repórter cujo tema foi os filmes de terror. Ele era intitulado: “Drácula e sua Corte Diabólica”. Quando vi o anúncio de sua exibição, mal pude conter a emoção e a ansiedade. Passei a semana inteira contando os dias e as horas para assisti-lo. Quando, finalmente, chegou a sexta-feira, pouco antes do início do programa fui novamente

derrotado por Morfeu e perdi o Globo Repórter inteiro. Para o meu azar, ele nunca mais foi reprisado. Tive que me contentar com aquilo que minha mãe me contou. O que me irritou ainda mais, porque, se ela assistiu ao programa inteiro, custava ter me acordado?

Os filmes da Hammer, repletos de sangue e belas garotas

O estúdio inglês Hammer foi um dos grandes responsáveis pela alegria dos aficionados pelo terror. Resgatando os monstros clássicos do cinema, Drácula, Múmia, Lobisomem e Frankenstein, deu nova roupagem ao gênero, acrescentando (muito) sangue e uma pitada marota de erotismo. Seus filmes sempre traziam belas jovens, com decotes avantajados emoldurando seus voluptuosos seios, que davam a impressão de querer saltar da tela, tal qual num cinema 3D. Nomes como Caroline Munro, Veronica Carlson, Martine Beswick, Valerie Leon e Ingrid Pitt eram um atrativo a mais nessas produções. E elas se tornaram musas de toda uma geração. Eu me lembro da surpresa que tive enquanto assistia “O Médico e a Irmã Monstro”, uma nova versão da história de Robert Louis Stevenson sobre o Doutor Jekyll e o Senhor Hyde. Nele, ao invés de se transformar numa versão sombria de si mesmo, o cientista se transmuta na bela, sensual e perigosa mulher, interpretada por Martine Beswick. Minha surpresa aconteceu numa determinada cena do filme quando o médico, transformado em mulher pela primeira vez, admira seu reflexo no espelho. Quando eu menos esperava, ela tira o roupão expondo os seios e os apalpando por vários segundos. Eu fiquei com um olho na tela e o outro na porta da sala, esperando que minha avó, portadora de um sono muito leve, a abrisse a qualquer momento. E isso aconteceu, mas não naquela sessão...

Sessão Especial e a safada Sala Especial

A TV Record, muito antes de ter sido comprada pela Igreja Universal e exibir novelas gospel e reality shows pecuários, possuía uma programação cinematográfica bastante interessante nas noites de sexta-feira. Às 21 horas tinha início a “Sessão Especial”, que trazia predominantemente filmes de terror e, às vezes, de artes marciais. Em seguida, às 23 horas, começava a sessão safadeza, batizada de “Sala Especial”, na qual eram exibidas pornochanchadas brasileiras. Na sessão de terror e kung-fu tive o meu primeiro contato com produções como “A Volta do Lobisomem”, “O Túmulo do Vampiro”, “Os Demônios de Seis Séculos”, “O Cão do Diabo”, “O Dragão de Shaolin”, “Os Punhos de Ferro de Bruce Lee” e “Operação Dragão Gordo”, entre várias outras. Já em “Sala Especial”, o que menos importava eram os filmes, mas sim o desfile de belas atrizes com seus corpos nus. Mas não se animem, essa nudez se limitava a seios e, vez ou outra, um par de nádegas. Isso, porém, para um garoto da minha idade, era o céu. Foi nesse momento que descobri o lado menos legal de se morar com os avós, principalmente com uma avó que tem o sono mais leve que o de uma onça. Estava eu lá, ligado num filme com Antônio Fagundes e a bela Zaira Zambelli (o qual não me recordo do título), e eis que minha avó Helena irrompeu na sala e mandou que eu desligasse a televisão. — “Isso não é filme para criança assistir”, disse ela. O jeito foi curtir somente as pancadarias, decapitações, desmembramentos, estacas cravadas no coração e todo aquele sangue que escorria da tela na sessão das 21 horas. Aqueles sim eram filmes para criança...

Assistindo a filmes proibidos para minha faixa etária: o início

Quem é cinéfilo já nasce com essa paixão escrita no DNA. Só que tal paixão não respeitava os limites de idade impostos pela censura vigente ao longo dos anos 1970 e 1980. Eu gostava de filmes e não conseguia aceitar que alguém, sem entender nada de cinema, viesse dizer o que eu poderia ou não assistir. Essa minha rebeldia começou em 1977, ano que estreou a versão de “King Kong” com Jessica Lange e Jeff Bridges. Foi o evento mais esperado do ano nos cinemas, principalmente pelo estardalhaço que o produtor italiano Dino Di Laurentiis fez na divulgação do filme. Ele trouxe, inclusive, um macaco gigantesco que ficou exposto no saudoso parque de diversões Playcenter, em São Paulo capital. Eu não poderia perder aquele filme de jeito nenhum. Principalmente porque, dias antes da sua estreia, a Rede Globo exibiu num sábado à noite, na sessão “Primeira Exibição”, a versão original de 1933. Isso me deixou ainda mais entusiasmado. Só que a nova produção trazia um problema: sua censura era 10 anos e eu tinha quase nove. A minha sorte é que sempre fui alto e aparentava ter um pouco mais idade do que realmente tinha. Mas isso não seria suficiente para enganar os olhos de águia do temido gerente do Cine Palácio, o Sr. Loló (saiba mais sobre ele adiante). Minha única solução foi apelar para a companhia paterna. Meu pai topou me levar. Justo ele que nunca foi muito de assistir filmes, com exceção das séries “Rocky” e “Desejo de Matar”, com Stallone e Charles Bronson, respectivamente. Com meu velho colocando as mãos em meus ombros, entrei todo sorridente. Ninguém me barrou. No entanto, meu pai sentiu na pele o que é fazer as

vontades de um cinéfilo. Teve que voltar mais duas vezes comigo ao cinema, para rever o filme do gorilão. O mesmo aconteceu dois anos depois, com “Tubarão 2”. O filme representou para mim outro salto de faixa etária proibida: era censura 14 anos. Eu tinha quase 11. Essa minha estratégia funcionou muito bem para dezenas de filmes. Somente em uma oportunidade tive minha entrada barrada. Aconteceu em 1977, na sessão de “A Ilha do Doutor Moreau”, com Burt Lancaster. Segundo o bilheteiro, com sua careca e bigode de português: — “Para ver esse filme precisa ter mais que catorze anos”. Não sei se isso gerou algum trauma em mim, mas o fato é que, até hoje, não assisti a essa película. Como ir muitas vezes ao cinema e assistir mais de uma vez ao mesmo filme não integravam a lista de preferências, ou prioridades, de meu pai, depois de um tempo ele passou apenas a me levar até a roleta e falar: — “Ele tem catorze anos, viu?”. Por mais incrível que possa parecer, isso sempre funcionou.

O Campeão e as garotas mais bonitas da sala

Estamos em 1979, ano em que chegou às telas o sucesso “O Campeão”, estrelado por John Voight e Faye Dunaway. Eu estava, se não me engano, na quinta ou sexta série do primário. Também não me recordo como, mas fui assistir ao filme acompanhado das duas meninas mais bonitas da sala: Marina e Silvana. Esta última uma amiga de muitos anos, desde o pré-primário, com seus grandes olhos verdes que pareciam pedras preciosas. Como todos sabem, a produção conta a história de um campeão de boxe decadente e sua conturbada relação com o filho pequeno. O filme chegava aos cinemas com a fama de ser extremamente triste e de levar as pessoas às lágrimas em seu final. E essa, acreditem, foi a minha preocupação: chorar diante das meninas mais bonitas da sala. Me lembro de ter afundado na cadeira durante o filme inteiro. Aguentei firme e fui discreto, tanto que as meninas nem notaram a minha emoção. Hoje em dia derramo lágrimas em vários filmes e perto de qualquer companhia...

O Super-8 do professor

Um dos primeiros contatos que tive com a ideia de que filmes poderiam ser colecionados foi na quinta série do primário, quando o professor de matemática, Antônio Augusto, levou alguns de seus rolos de Super-8, um dos antepassados da mídia física como a conhecemos hoje, para exibir na classe. O professor, que é pai da Marina, uma das garotas com quem assisti “O Campeão”, possui uma vasta coleção de filmes no formato. Alguns deles são reeditados para ficarem mais curtos e garantirem uma sessão rápida, o que foi o caso naquele dia. Junto com o projetor e as películas, ele possuía ainda uma pequena tela, que se abria como um livro. Como era esperado, eu me sentei na primeira cadeira para curtir uma versão reduzida de “Superman, o Filme”, o clássico de 1978, dirigido por Richard Donner e estrelado por Christopher Reeve. Décadas mais tarde, após retomar contato com o professor, sugeri ao amigo Cláudio, que era editor do Jornal Valeparaibano, a fazer uma matéria com ele. Foi realmente emocionante ouvir suas histórias e a de um amigo, também colecionador, de como começaram a comprar seus filmes e também da dificuldade de preservá-los, já que a película se deteriora com facilidade, caso não seja acondicionada da maneira correta. Segundo palavras do professor Antônio Augusto, quando estraga, ela fica “vinagrada”, devido ao odor que exala. Na época, eu e o Cláudio já colecionávamos filmes e, talvez por isso mesmo, compreendemos melhor e compartilhamos das alegrias e preocupações existentes para se manter uma coleção. Afinal, nada dura para sempre. Seja Super-8, VHS, DVD ou mesmo Blu-ray. Só as nossas lembranças permanecem...

Álbuns de “Melhores Filmes”

Sem o Google para encontrar virtualmente qualquer informação e, principalmente, fotos de seus filmes favoritos, a única saída para o cinéfilo dos anos 80 era colecionar aquelas publicadas em jornais e revistas. Foi assim que surgiram os álbuns de “melhores filmes”. Neles, as páginas eram divididas por filmes e as imagens coladas em folhas de sulfite, inseridas em plásticos colocados naquelas pastas para arquivos. Cabiam, em média, de oito a dez filmes por pasta, variando de acordo com a quantidade de fotos de cada um. Vale lembrar que a grana era bem curta na época, por isso precisávamos fazer quase um milagre da multiplicação de espaço, a fim de economizar o escasso dinheirinho. Ainda assim, o resultado final era bem caprichado. Na primeira página ia, datilografada, a ficha técnica do filme e seu título, com a tipologia original utilizada em seu cartaz. Tudo feito a mão. Com a ideia de proteger minhas fotos, comecei a plastificar algumas com Contact, o que se provou um desastre, já que a cola desse plástico fazia com que as fotos ficassem meio translúcidas, misturando a imagem com o que havia do outro lado da página da revista ou jornal. E, falando em jornais, cada estreia daqueles filmes que esperávamos muito representava uma corrida às bancas para comprar praticamente todos os periódicos e revistas que trouxessem fotos dessas produções. Os melhores jornais, em termos de quantidade de fotos, eram a Folha de São Paulo, a Folha da Tarde e o Jornal da Tarde. Às vezes, as fotos eram idênticas às de outras publicações, somente de tamanhos diferentes, mas eram tratadas como se fossem inéditas. O pior foi quando algumas estreias (como a de “Indiana Jones e o Templo da Perdição”) coincidiram com as famigeradas

tabelas de preço do Plano Sarney, que eram publicadas diariamente nos jornais. Nessa época, as filas nas bancas eram gigantescas e nem sempre conseguíamos as publicações que desejávamos. Nossa sorte era termos amizade com alguns jornaleiros, que, sempre que possível, reservavam algumas edições para nós. Entre eles me recordo com muito carinho do Sr. Reizinho e do Sr. Romeu. Não posso afirmar com certeza, mas acredito que os dois já tenham falecido. Eles permanecem imortalizados em nossas lembranças e coleções. Voltando às fotos, com o tempo elas se transformaram em moeda de troca para virtualmente qualquer coisa, inclusive sessões de filmes. Cito o exemplo da primeira vez que tivemos contato com um videocassete na casa do meu tio, para assistir “Um Lobisomem Americano em Londres” (leia a respeito mais à frente, num capítulo exclusivo sobre o assunto). Inicialmente, iríamos eu, o Cláudio e o Cabral, para não superlotar o lugar logo na primeira sessão. Mas, quando o Marcelo ofereceu como pagamento (ou seria suborno?) várias fotos raras do filme “Conan, o Bárbaro”, não tive como dizer não. Resultado: sala lotada.

As bancas de revistas usadas

Muitas das fotos de nossa coleção eram obtidas em verdadeiras expedições arqueológicas a feiras de barganha e sebos de Pindamonhangaba e da cidade vizinha, Taubaté. Eles eram, em sua maioria, pequenas bancas de praça, especializadas em publicações antigas. Dessas visitas se perpetuaram na memória os proprietários dos estabelecimentos, como o Gouvêa, apelidado por nós de Bigode, o Alemão e o Bosco, de Pindamonhangaba. A Banca do Bosco funciona até hoje e, acredito eu, pode ter muita raridade escondida, já que há anos não faço um garimpo por lá. Outra banca que marcou época ficava no hall principal da Estrada de Ferro Campos do Jordão e vendia tanto revistas novas quanto usadas. O senhor que tomava conta era roleiro que só vendo, e tinha um tique nervoso que acabou nos inspirando a criar um apelido para ele. Sempre que demonstrávamos interesse por alguma publicação antiga, ele tentava valorizar a revista para ganhar algum dinheiro a mais do que aquele marcado na etiqueta. E, toda vez que ele tentava nos enrolar, sua língua o traía, escorregando para fora da boca entre cada frase que proferia. Ele foi então batizado de “Véio Cascavér” (escrito e pronunciado dessa forma mesmo, a fim de enfatizar suas características reptilianas). Em Taubaté, ficava o maior de todos os sebos de revistas que conhecíamos, o do Sr. Dito. Com sua careca brilhante, barba por fazer e óculos de lentes grossas, ele também tinha o irritante hábito de querer folhear cada revista que separávamos, a fim de conferir se elas traziam algum material pedido em possíveis trabalhos escolares. Se achasse algum assunto com potencial educativo, após gaguejar um pouco, o preço da publicação sofria um

acrécimo, e não adiantava dizer que a queríamos somente por causa das fotos de filmes. O local, aliás, era uma bagunça completa. Tudo misturado sem nenhuma organização lógica. Parecia os cenários dos filmes “Twister”, “Terremoto”, “O Dia Depois de Amanhã” e “Chernobyl”, todos juntos. Por isso, quando encontrávamos alguma coisa que excedia a grana que possuíamos naquele dia, era preciso esconder num lugar de pouca circulação e criar um verdadeiro mapa de tesouro para conseguir encontrá-la na próxima visita. Às vezes dava certo, mas, na maioria, não. Nós brincávamos que, a cada dia, antes de fechar, o Sr Dito acionava um mecanismo que mudava todas as estantes e publicações de lugar. Ainda assim, encontramos itens preciosíssimos para nossas coleções. Saíamos de lá com as mãos pretas de poeira e os bolsos vazios, mas felizes da vida.

Conan, o Bárbaro e o crime federal

Em agosto de 1982, "Conan, o Bárbaro", protagonizado por Arnold Schwarzenegger, fazia grande sucesso no Brasil. Naquela época ainda vigorava no país o regime militar, e a censura fazia parte da vida dos brasileiros. "Conan" era para maiores de 14 anos. Não era fácil burlar a vigilância no Cine Palácio, pois o gerente, Sr. Osiris, que também atendia pelo apelido Loló, cumpria à risca a lei federal. Sem problemas para mim, para o Waldecir e o Cabral, que já havíamos completado 14 anos. O Marcelo ainda tinha 13, assim como o Cláudio, que, no entanto, aparentava ser mais velho. Marcelo, porém, era baixinho e parecia ter, no máximo, uns 11 anos. "Conan" tinha cenas de sexo, nudez e muita violência. Era um daqueles filmes que "era preciso ter mais de 14 anos para poder assistir". O Marcelo não conseguiria entrar naquele cinema de jeito nenhum. Aí ele teve uma ideia: tirou uma cópia de sua certidão e mudou o ano de seu nascimento para 1968. Cláudio aprovou o trabalho. Aos olhos dos dois meninos, a falsificação estava perfeita. No momento de entrar no cinema, Marcelo, como era esperado, foi barrado pelo bilheteiro (que na verdade era o porteiro). Ele então mostrou sua certidão fria. O lance do uso da certidão é que Loló conhecia o pai de Marcelo e isso dispensava um documento com foto. Depois de barrar o baixinho, o bilheteiro chamou o gerente, que tinha um assustador semblante de alto oficial nazista. Loló olhava para o documento, fitava o Marcelo e voltava os olhos ao documento. Então, pediu que o menino entrasse pela porta lateral do cinema (uma que não tinha a catraca). Ele chegou até um homem, que era ninguém menos que o pai do Waldecir, e perguntou sua opinião sobre a certidão. — "É

uma falsificação, sem sombra de dúvida!", respondeu ele, taxativo. Loló olhou para Marcelo como se quisesse ouvir uma confissão. Marcelo continuou quieto e o que se ouviu em seguida foi uma sonora sequência de xingos, gritos e recriminações contra o garoto. — "Vou contar tudo ao seu pai!", — "Isso é infringir uma lei federal!", — "Você acha que eu sou um palhaço?", para citar as frases mais elegantes. A reação de Loló, se sentindo indignado por um moleque tentar lhe enganar, foi vista por muita gente. Pessoas que aguardavam na fila para entrar e para comprar ingressos, gente que simplesmente passava pela calçada e, até mesmo, carros, que diminuía a velocidade para assistir àquela baixaria. A venda de ingressos, com uma máquina registradora que fazia sons de sineta quando expelia um bilhete, foi parada por alguns momentos para que a bilheteira pudesse curtir o circo. Todos testemunharam o barraco. O pequeno lobby do cinema pareceu ter ficado longo como um campo de futebol, enquanto Marcelo o atravessava para sair. A situação perdurou mais alguns minutos quando o menino, derrotado, tentava vender seu ingresso. Cláudio foi solidário e vendeu o dele também. Os dois voltavam para casa enquanto pensavam: — "Mas o que pode ter dado errado? A caligrafia de Marcelo, para imitar um número oito datilografado era perfeita". — "Pode ter sido a qualidade do toner da cópia em toda a folha. Sim, certamente foi isso!". No caminho de volta, ainda pelo centro da cidade, Marcelo conseguiu uma carona de carro. Cláudio voltou para o cinema, comprou novamente o ingresso e assistiu "Conan, o Bárbaro", considerado um dos melhores filmes de sua vida. Marcelo só foi ver o filme em vídeo, por volta de 1984, na casa do meu tio (leia sobre isso adiante).

A curva

É incrível como a vida dos cinéfilos tende a se misturar com as histórias que eles veem nas telas. Algumas vezes a vida imita a arte, noutras, acontece o contrário. Não sei se vocês já pararam para pensar nisso, mas boa parte dos filmes e séries que falam sobre turmas de amigos tem alguma cena passada numa linha férrea. Talvez ela seja uma metáfora perfeita para o processo de amadurecimento na longa jornada da vida... É claro que a nossa turma também teve seu momento “Conta Comigo”. Só que três anos antes da estreia do pequeno clássico baseado na obra de Stephen King. Estávamos em 1983, e nossas reuniões vespertinas, realizadas sempre aos finais de semana, costumavam acontecer na casa do Marcelo, onde havia mais espaço para todos. Da janela do seu quarto nós conseguíamos avistar o sinaleiro da linha férrea. A luz vermelha brilhava a maior parte do tempo, mas, quando havia um trem a caminho, o verde acendia glorioso. Quando isso acontecia, nós corríamos até lá para ver algo que achávamos o máximo, principalmente à noite. Naquele trecho da ferrovia os trilhos formam uma longa linha reta e, lá adiante, cerca de três ou quatro quilômetros, fazem uma curva à esquerda. Então, nós ficávamos nos trilhos, esperando o trem aparecer na curva. A primeira coisa que víamos era o seu farol iluminando as árvores nas laterais da linha, antes mesmo da composição surgir. Quando ela finalmente apontava na curva, sua poderosa luz percorria os trilhos, como se eles fossem o pavio de uma bomba, até chegar aos nossos pés. Por isso aquela curva sempre despertou um grande interesse em cada um de nós. O que existiria além dela? Tal pergunta persistiu por algum tempo até que, um dia, decidimos fazer uma expedição até lá.

Cada um fez a sua mochila, com água e alguma guloseima. Eu levei um pão caseiro que minha mãe sempre costuma fazer. O Cláudio, o Marcelo, o Cabral, o Waldecir e o Fábio prepararam seus comes e bebes com o que tinha em suas casas. Aqueles que olhavam para nossas bolsas pensavam que iríamos fugir de casa, para outro estado ou país. Não imaginavam que nosso destino ficava a apenas três ou quatro quilômetros. É incrível como a percepção de tempo e distância é diferente quando somos jovens... E lá fomos nós, caminhando por aqueles trilhos em direção à curva. Eu não me recordo quem, se o Cláudio ou o Marcelo, levou um pequeno rádio de pilha para animar nossa caminhada. E a trilha sonora foi uma típica seleção musical dos anos 80, com hits como “I Won’t Let You Down”, do PHD; “Maneater”, de Daryl Hall & John Oates; “I Don’t Wanna Dance”, do Eddy Grant; e o suspeitíssimo clássico nacional “Eu Hoje Vou Me Dar Bem”, de um tal Piu Piu de Marapendi, entre muitos outros. Quando finalmente chegamos à tão aguardada curva, nos deparamos com uma bela paisagem: árvores e bambus muito altos ladeavam a ferrovia, que, um pouco mais adiante, era cortada pela ponte de acesso a uma empresa de extração de xisto. Naquele lugar bucólico, fizemos o nosso lanche contemplando o visual e curtindo os sucessos radiofônicos da época. Repetimos o passeio mais duas ou três vezes. Alguns anos depois, quando assistimos “Conta Comigo”, essas lembranças retornaram muito vívidas às nossas mentes. Nunca um filme havia sido tão parecido com vários aspectos de nossas vidas. E olha que ainda tivemos três vantagens em relação à turma de garotos da película: em nossas aventuras pela ferrovia não encontramos sanguessugas, nem valentões e muito menos um cadáver atropelado pelo trem.

Spoiler da perdição

O conceito de spoiler sempre existiu, mas, nos anos 80, ainda não usávamos uma palavra específica para designá-lo. E nem precisava. Bastava não revelar informações, diálogos ou cenas importantes dos filmes àqueles que ainda não os tinham assistido. Essa noção de respeito ao próximo sempre foi implícita entre os cinéfilos de nossa turma. Se o filme tinha uma reviravolta, ou, como é chamado hoje, um plot twist, ninguém contava ao colega. Isso porque, vê-lo surpreendido por aquela revelação, também trazia a cada um de nós satisfação, uma renovação da emoção que sentimos inicialmente. E também não existiam redes sociais, o que de cara excluía a necessidade de se falar que viu tal filme primeiro que os outros e ceder à tentação de revelar aspectos importantes de sua trama. Com exceção de casos extremos, como, por exemplo, revelar o final de “Coração Satânico”, nós sempre contávamos alguma coisinha sobre o filme aos colegas, com o consentimento deles, é claro. Mas existiam situações nas quais a ansiedade era tão grande, que não resistíamos e até pedíamos para saber mais. Me lembro, em especial, de duas situações que vivi. A primeira delas foi em 1979, quando minha tia Rosângela, sabendo que eu era fã de filmes de terror, atiçou minha curiosidade falando sobre o filme que acabara de assistir no cinema: “Alien, o 8º Passageiro”. O máximo de informações que eu consegui tirar dela foi de que o monstro saía de dentro da barriga de um dos personagens. Ela não quis revelar mais nada, mesmo diante das minhas súplicas. Afinal, eu sabia que não conseguiria ver o filme no cinema, uma vez que era censura 18 anos. Tive que aguardar até assisti-lo em VHS, muito tempo depois. O segundo caso foi exatamente o oposto. O ano era

1984. O Cláudio e o Marcelo haviam assistido “Indiana Jones e o Templo da Perdição” antes de mim, em sua estreia, durante a semana. Eu iria apenas no domingo, para aproveitar a sessão corrida (falarei sobre o tema mais adiante). No dia seguinte, logo pela manhã, o Marcelo foi até minha casa, empolgadíssimo. Eu, como de costume, estava limpando o quintal. Enquanto eu varria o chão, o Marcelo começou a me contar o filme. Vale frisar que um cinéfilo de verdade não se limita a narrar a história, pinçando alguns pontos importantes. Não. Ele conta cada detalhe da produção, cena a cena, descrevendo a direção de arte, os diálogos, efeitos especiais, interpretação e trilha sonora de cada sequência. O Marcelo praticamente encenou a segunda aventura de Indiana Jones inteira no quintal da minha casa, contando até mesmo em que pontos do filme entrava a música-tema do herói, composta por John Williams. Ele descreveu passo a passo a cena da ponte e o movimento de câmera que acompanha a queda do vilão Mola Ram ao longo do paredão de rocha até o rio infestado de crocodilos. No domingo seguinte eu assisti ao filme pela primeira vez, e confesso que o fato de ter ouvido tudo antes pouca diferença representou na minha incrível experiência cinematográfica. Vibrei, ri e me empolguei como se não soubesse nada a respeito dele. E, claro, voltamos outro dia para assistir novamente. Olhando em retrospecto, é preciso salientar que a descrição do Marcelo foi precisa, assim como a minha imaginação em visualizar as imagens que ele descrevia. Pode-se dizer que esse foi um spoiler de longa-metragem.

Poltergeist, o Fenômeno: rompendo a barreira dos 16 anos.

A proibição de filmes, por faixa etária, conhecida popularmente por censura, era uma barreira difícil de transpor pelos cinéfilos que ainda não tinham atingido a idade. Os filmes com censura 14 anos já não eram mais problema para mim. Eu já entrava no cinema com facilidade. O próximo obstáculo passou a ser o limite dos 16 anos. Na época eu tinha catorze. A tentação de arriscar uma sessão só não era maior que o medo de dar errado e de passar vergonha, como aconteceu com o Marcelo na sessão de “Conan, o Bárbaro”. E assim foi até que chegou ao Cine Palácio a mais nova e comentada produção de nosso ídolo Steven Spielberg: “Poltergeist, o Fenômeno”, que, ainda por cima, era um filme de terror! A vontade de assisti-lo superou todo e qualquer temor. Combinei com o Cláudio o horário, me preparei psicologicamente e também fisicamente, colocando a roupa mais adulta que eu imaginava ter no guarda-roupa. Cheguei à bilheteria com a barriga roncando de nervoso. O esforço para não deixar as mãos tremerem era quase sobre-humano. Com o ingresso na mão caminhei lentamente até o bilheteiro. Sentado em sua cadeira, como um soberano em seu trono, estava o temível gerente Loló. Nessa hora a saliva pareceu ter se solidificado na garganta. Não descia de jeito nenhum. Cheguei diante do bilheteiro, o cumprimentei como sempre fizera, entreguei o ingresso e... entrei. Ele girou a roleta e eu fui ao banheiro, andando calmamente, para não demonstrar a euforia. O Cláudio veio logo atrás de mim. Também conseguiu. Lá dentro comemoramos o feito. A barreira dos 16 anos estava vencida. E sem a ajuda do meu pai. Agora

restava apenas uma. A última delas: 18 anos. Aquela que abriria todas as portas para todos os filmes. Mas essa é outra história...

Os funcionários do Cine Palácio

Quem assistiu à obra-prima “Cinema Paradiso” entenderá muito bem a história que se segue. Num determinado momento da vida de um cinéfilo, que frequenta a mesma sala por anos a fio, os próprios funcionários do cinema passam a fazer parte daquele universo mágico. E, no Cine Palácio, o nosso “Cinema Paradiso”, isso não foi diferente. De muitos deles nunca chegamos a descobrir os nomes, alguns conhecíamos por apelidos (às vezes dados por nós mesmos) e outros foram apenas rostos que desfilaram por lá como filmes que entram e saem de cartaz. Das figuras que, por várias razões, merecem ser lembradas, se destaca aquela que, talvez, tenha sido a mais temida por toda uma geração de crianças e jovens. Já falei sobre ele, mas nunca é demais recordar o sisudo e enérgico Sr. Osíris, que, apesar do nome de divindade egípcia, ficou popularmente conhecido pelo prosaico apelido de Loló. Isso chega a ser até uma contradição. Ele era um homem bem alto, com olhos claros e um bigode muito bem alinhado. Sua pose era altiva, sempre com os braços cruzados e a boca no formato de uma letra “U” de cabeça para baixo. Sua aparência física lembrava muito a dos oficiais da SS daqueles filmes de guerra dos anos 60. Hoje, em perspectiva, vejo que era apenas um jogo de cena para intimidar a molecada que fazia de tudo para assistir filmes impróprios para suas idades (como fez o Marcelo). Eu imagino que ele deveria ser um cara bacana para se trocar uma ideia. Quando Loló finalmente se aposentou, outro gerente assumiu seu lugar. Mais jovem e bem humorado, tinha como característica marcante uma volumosa barba preta, que mais parecia uma moita. Pronto, o apelido pegou e ele ficou conhecido como

“o Moita”. Sua carreira foi curta, uma vez que o cinema já passava por dificuldades e acabou fechando pouco tempo depois. Outro personagem marcante daqueles anos dourados do Cine Palácio era “o Bilheteiro”. Aparentando ser uma pessoa muito humilde, sempre de calça jeans e japona preta, ele rasgava os ingressos, colocava na urna, e girava a roleta de entrada no cinema. O “Bilheteiro” apresentava uma calvície acentuada, disfarçada com alguns fios puxados das laterais, onde o cabelo era mais espesso. Seu bigode era digno de um típico português de padaria. Ele era o mais simpático dentre todos os funcionários e várias vezes nos quebrou o galho permitindo nossa entrada em filmes impróprios para nossa idade. Eu descobri o seu nome muitos anos depois, na década de 90, quando trabalhei com sua sobrinha. Ele se chamava Antônio. Poucos funcionários, no entanto, se confundiram tanto com a imagem do Cine Palácio quanto o lanterninha Zuba e seu irmão (cujo nome, ou apelido, nunca ficamos sabendo) que era encarregado da limpeza do banheiro. Os dois apresentavam claras dificuldades de locomoção e de dicção, devido a algum problema congênito. O que o Zuba falava ainda dava para entender, mas seu irmão não tinha jeito. Era impossível compreender uma palavra sequer do que ele dizia. A dupla aparentava estar sempre enfezada, dando broncas nas pessoas com sua voz fanha, aguda e ininteligível. Mas, mesmo assim, eram queridos por todos. Muitos anos após o fechamento do Cine Palácio eu ainda encontrei várias vezes o Zuba, já que sua casa fica no caminho da academia que frequentava. Seu irmão já havia falecido há algum tempo. Sempre que eu o via sentado em sua cadeira, tomando sol na calçada, pensava em trazer o celular para tirar uma foto ao lado dele. Até que, finalmente, coincidiu de ele estar na calçada e eu com o celular no bolso. Fotos feitas. Depois disso, nunca mais o vi. A imagem ficará como uma maravilhosa recordação daqueles anos dourados. Outro funcionário emblemático do Cine Palácio foi o “Seu Dito”...

A arte do “Seu Dito”

Embora o “Seu Dito” sempre estivesse presente nas sessões do Cine Palácio, ainda era um rosto desconhecido para a maioria dos frequentadores da sala. Para a maioria, mas não para nós. Ele era o Alfredo do nosso “Cinema Paradiso”. Ao lado dele visitamos, pela primeira vez, a sala de projeção do cinema de nossa cidade. Das suas mãos vieram os primeiros fotogramas verdadeiros que tivemos a chance de tocar e, assim como o Totó do filme italiano, guardar em nossos bolsos como verdadeiros tesouros. O Seu Dito nos contou como funcionava o projetor, falou do antigo carvão que ficava incandescente para projetar as imagens e de muitas outras coisas que nem imaginávamos como funcionavam. Ele também ajudou a desvendar um segredo que nos intrigava: afinal, onde ficava o acesso para a sala de projeção? O hall do cinema possuía apenas as portas dos banheiros e as de entrada para o cinema propriamente dito. Então descobrimos que ele ficava no banheiro feminino. Ao contrário do masculino, cuja porta dava acesso direto aos sanitários, o das mulheres possuía ainda uma segunda porta que levava ao seu interior. Ao lado dela estava a escada que conduzia ao pequeno espaço onde ficavam os dois grandes projetores e também onde o “Seu Dito” cortava, emendava e rebobinava os filmes manualmente. O chão, que estava repleto dos fotogramas que sobravam das emendas, ficou limpinho após nossa passagem por lá. Mas esse homem ainda tinha outras habilidades, que faziam dele um verdadeiro artista. Até onde eu me recordo, o Cine Palácio era um dos únicos cinemas da região que complementavam os cartazes originais dos filmes com grandes letreiros pintados em largas faixas de papel pardo. Tudo isso era obra dele.

Naquele inesquecível dia, no qual eu, Marcelo e Cláudio fizemos um tour pelos bastidores do Cine Palácio, conhecemos também o “ateliê” do “Seu Dito”, que ficava num espaço escondido atrás e abaixo da tela. O acesso se dava por uma pequena escada localizada num dos cantos da parte frontal da sala. Bastava descer alguns degraus e abrir a pequena cortina para sentirmos o cheiro de solvente, e vermos cartazes de filmes, rolos de papel pardo e latas com tintas de todas as cores. O “Seu Dito” cortava uma tira de papel pardo da mesma altura do cartaz original, e com mais ou menos dois metros de comprimento, colava o pôster numa extremidade e no restante fazia a sua arte. Primeiro pintava um fundo com uma cor que combinasse com a imagem de divulgação do filme. Em seguida escrevia o nome da película, geralmente reproduzindo a tipologia contida no cartaz. Depois colocava o nome do ator principal, a censura e os horários de exibição. Nem preciso mencionar que saímos de lá com vários pôsteres de filmes que já haviam sido exibidos, presenteados por aquele homem simples, cujos cabelos encaracolados, feições rudes e mãos grandes escondiam um grande artista. Não tivemos mais notícias dele. Não sei se ele ainda está vivo. Espero que sim...

O crime de Força Sinistra

O que se segue é a confissão de um crime, cometido por mim e pelo Marcelo. Como havia dito antes, nossas coleções de fotos de filmes dependiam principalmente de imagens de jornais, em preto e branco e sem graça, que, com o tempo, desbotavam ou amarelavam. Fotos coloridas eram raras e caras, porque geralmente vinham em revistas. Então, num destes momentos de total insanidade, quando, extasiados pelo filme que acabáramos de assistir (a ficção científica de horror “Força Sinistra”), entramos no banheiro do cinema, a fim de nos escondermos para a próxima sessão, que seria a última da película na cidade. Lá nos deparamos com o cartaz do filme, pregado num display de compensado, ao lado daquelas grandes fotos usadas para a divulgação das produções. Eu olhei para o Marcelo e ele olhou para mim. Na hora captamos o pensamento um do outro. Como um raio, e suando frio, conseguimos retirar uma foto cada um. Era quase como uma cena da série “Missão Impossível”, cheia de perigos e dificuldades extremas. Não podíamos demorar muito porque alguém poderia entrar e nos flagrar. Também não podíamos fazer com pressa porque era perigoso rasgar as fotos, uma vez que os grampos que as prendiam eram muito fortes. Estávamos no inverno e, por isso, vestíamos casacos volumosos, o que nos ajudou a disfarçar o produto do furto. Foi algo que aconteceu somente uma vez. Ao final, sempre que olhávamos para aquelas fotos em nossos álbuns, o sentimento de culpa era maior do que o prazer de vê-las, principalmente porque sabíamos que nossos atos poderiam ter causado problemas aos funcionários do Cine Palácio. Pessoas que, embora pegassem em nossos pés muitas vezes, aprendemos a gostar. Essas imagens permanecem

como um atestado de que cinéfilos não são pessoas normais e, às vezes, são capazes de qualquer coisa...

Conquista Sangrenta? A Sétima Profecia? Que filmes são estes?

Veja ou outra a programação de filmes do Cine Palácio tinha alguns espaços vazios de dois dias, entre uma estreia e outra, nos quais eram inseridos, como tapa-buracos, alguns filmes menos conhecidos. O estranho fenômeno era que, na maioria dos casos, se tratavam de filmes muito bons, que nos obrigavam a pagar ingressos dois dias seguidos para ver suas únicas duas exibições. Foram várias as oportunidades nas quais isso aconteceu, mas faço questão de destacar três delas. A primeira foi a exibição da produção da Disney “O Dragão e o Feiticeiro”, aguardada por nós com ansiedade por ter concorrido ao Oscar de efeitos especiais no ano de 1981, e por apresentar o mais perfeito dragão que a história do cinema já havia visto até aquela época (Smaug e Drogon ainda nem haviam saído dos ovos). As experiências seguintes foram ainda mais marcantes porque não conhecíamos nada sobre os filmes. E a surpresa foi avassaladora. Primeiro em 1986, com o espetacular “Conquista Sangrenta”, uma crua e brutal incursão do grande diretor holandês Paul Verhoeven pela Idade Média. Estrelado por Rutger Hauer, cada fotograma dessa bela aventura atraiu nossa completa atenção, que se dividia entre curtir as empolgantes cenas de ação e ouvir cada acorde da poderosa trilha composta por Basil Poledouris (o mesmo de “Conan, o Bárbaro”). As sessões de “Conquista Sangrenta” aconteceram nos dias 10 e 11 de dezembro de 1986 (entenda essa precisão de datas em um capítulo mais à frente). O outro filme tapa-buraco que ganhou nossos corações foi “A Sétima Profecia”, uma pequena joia de suspense apocalíptico, estrelada por Demi

More e Michael Biehn, cujo final emocionante nos levou às lágrimas. Muitas delas rolaram de nossos olhos por saber que o filme teria apenas duas sessões em nossa cidade. É claro que marcamos presença em cada uma delas.

A “Sessão Corrida” no Cine Palácio

A falta de grana sempre foi um obstáculo para levarmos adiante nossa paixão pela Sétima Arte. Quando gostávamos muito de um filme, nossas únicas alternativas eram: voltar ao cinema noutro dia e pagar outro ingresso para revê-lo, ou esperar anos até que fosse exibido na TV. A primeira alternativa era complicada porque nossos pais (e patrocinadores) reclamavam muito por terem que dar o dinheiro e por não entenderem como conseguíamos assistir várias vezes ao mesmo filme. A segunda alternativa nem levávamos em conta. Era completamente inviável aguardar tanto tempo para rever um filme tão bom na TV, o que também nem sempre era uma garantia que acontecesse. Então, um milagre veio em resposta às nossas preces: foi instituída no Cine Palácio, e também nos cinemas das cidades vizinhas, a abençoada “Sessão Corrida”. Esse presente dos céus permitia que, inicialmente aos domingos e depois também às quartas-feiras, pudéssemos assistir à sessão das 19 horas e ficar para a das 21, pagando apenas um ingresso! Sim, é isso mesmo que você ouviu. Duas sessões pelo preço de uma. É claro que a grande maioria das pessoas comuns não ficava para ver o mesmo filme duas vezes seguidas. Mas, como já disse, nós não éramos essa maioria. E nem pessoas comuns. Éramos cinéfilos. E, se tem uma coisa que um cinéfilo nunca perde, é a oportunidade de assistir aos filmes várias vezes. Especialmente sem gastar mais por isso. Quando a produção fazia sucesso e permanecia mais de uma semana em cartaz, íamos dois domingos seguidos e ficávamos nas sessões corridas. Daí eram quatro sessões pelo preço de duas. Uma matemática que nos favorecia e muito. O maior problema era quando estreavam as superproduções com os

grandes astros da época, cujos sobrenomes nos cartazes eram maiores que os próprios títulos dos filmes: Schwarzenegger, Stallone, Van Damme, e outros. Nessas ocasiões, que tinham todos os horários lotados, as sessões corridas ficavam inviáveis para o cinema. O Cine Palácio tinha cinco portas na grande sala de exibição. As três centrais davam acesso ao hall de entrada do cinema, e as outras duas, localizadas à esquerda e à direita das portas centrais, levavam diretamente para a rua. Elas eram usadas para o esvaziamento da sala. Então, os lanterninhas, entre eles o Zuba, lançaram mão de uma estratégia. Ao fim da sessão das 19 horas, eles abriam as portas laterais e ficavam de guarda nas centrais, impedindo qualquer pessoa de passar por elas, que só eram abertas quando não havia mais ninguém na sala. Diante disso fomos obrigados a elaborar a nossa contra-estratégia para assistir à sessão seguinte sem pagar. Quando os lanterninhas se dirigiam às portas laterais para abri-las, nós saíamos da sala em direção ao banheiro, cujo acesso ficava no hall de entrada, que a essa altura estava lotado com as pessoas que assistiriam à próxima sessão. Lá dentro, escondidos nas cabines de sanitários, esperávamos pacientemente. Quando percebíamos que o falatório no salão principal havia diminuído sensivelmente, deixávamos o banheiro tranquilamente e nos misturávamos à multidão que entrava. Em algumas oportunidades, assistir à sessão corrida era quase uma aventura de Indiana Jones. Quando da exibição de “Rocky IV”, no pequeno Cine Metrópole, em Taubaté, não foi permitida na sessão das 21 horas a permanência daqueles que assistiram à das 19. O pior é que nesse cinema não dava para esconder no banheiro porque ele ficava praticamente do lado de fora da sala e a única entrada era guardada por ferozes lanterninhas. Isso nos obrigou a uma ação desesperada: buscar esconderijo atrás das cortinas de algumas portas que não eram utilizadas. O Cláudio e o Marcelo tiveram sucesso. Por falta de espaço, eu

e o Waldecir fomos obrigados a voltar mais cedo para casa. Esses foram sempre momentos de muita tensão, com a adrenalina a mil, mas, ainda assim, muito divertidos, uma vez que tudo o que realmente importava era garantir a sessão corrida e economizar nosso escasso dinheirinho.

Corrida contra o relógio no Cine Palas

Nossas sessões cinematográficas não se limitavam apenas ao Cine Palácio, pois havia filmes que não eram exibidos em Pindamonhangaba. Nesse caso, éramos obrigados a ir aos municípios vizinhos de Taubaté ou São José dos Campos. A preferência costumava recair sobre o primeiro, pela proximidade com nossa cidade, cerca de 18 quilômetros. Taubaté contava com nada menos que duas salas de cinema, o imponente Cine Palas (a maior delas), que possuía até um mezanino, e o diminuto, mas eficaz Cine Metrópole, que à época tinha uma programação mais voltada aos filmes pornográficos. Para a tristeza dos cinéfilos, anos mais tarde o Cine Palas se transformou numa igreja evangélica. O Cine Metrópole teve melhor sorte, passando a abrigar um teatro. Para a nossa felicidade, enquanto ainda exibiam filmes, os dois cinemas também ofereciam a “Sessão Corrida”. Só que, nesse caso, havia um complicador: o horário do último ônibus para Pindamonhangaba, já que nenhum de nós possuía sequer carteira de habilitação, quem dirá um carro. Todavia, isso não era motivo de desânimo. O intervalo entre a sessão das 19 horas e a das 21 era ocupado por cálculos matemáticos precisos que abrangiam o tempo de duração dos trailers e o momento preciso do filme, na segunda sessão, no qual deveríamos deixar a sala para conseguir pegar o derradeiro transporte. Por exemplo, no filme “A Hora do Espanto”, isso se dava no instante exato em que o crânio do ajudante do vampiro, após sua morte, se chocava contra a parede e deslizava pelo chão batendo os dentes. Um minuto a mais diante da tela significaria um enorme problema para a turma, pois havia ainda uma grande distância a ser percorrida a pé até a rodoviária. Em algumas ocasiões

contamos com a boa vontade dos motoristas que, parados no semáforo, abriam a porta do coletivo. O próprio Usain Bolt ficaria orgulhoso de nossa performance ao longo dos anos, já que nunca perdemos o último ônibus para casa.

O susto de Aliens, o Resgate

Em 1986, a superprodução “Aliens - O Resgate” representava para nós o evento cinematográfico do ano. Em primeiro lugar porque era a continuação do espetacular “Alien - O Oitavo Passageiro”, e, depois, porque era dirigido por James Cameron do não menos sensacional “O Exterminador do Futuro”. O filme colecionava ótimas críticas de toda a imprensa especializada, o que aumentou ainda mais nossa ansiedade e expectativa para curtir-lo na tela grande. Como acontecia com regularidade, “Aliens” estreou primeiro em Taubaté, o que nos obrigou a recorrer à logística de sempre para as sessões corridas. Outra vantagem é que o Cine Palas inaugurou um novíssimo sistema de som Dolby Estéreo, que fazia tremer o piso da sala de exibição. Para explorar ao máximo a novidade, o cinema colocou várias sessões seguidas do filme, a partir das 15 horas. Com todos esses atrativos, tinha tudo para ser a experiência cinéfila do ano. E realmente foi. Só que após um pequeno susto. Naquele dia 23 de dezembro de 1986 chegamos um pouco atrasados (pelo menos em nossa noção de tempo) e, quando entrarmos no hall de espera, ao lado da sala de exibição, ouvimos estrondos, sons de explosões, gritos e turbinas. Sem pensar meia vez, corremos desesperados para a sala, imaginando que o filme já havia começado. Quando me sentei e olhei para a tela vi a Tenente Ripley, interpretada por Sigourney Weaver, entrando numa pequena nave e essa partindo desesperada, em meio a destroços caindo por todos os lados, até atingir o espaço e escapar de uma gigantesca explosão nuclear. Eu achei aquilo estranho. Não era possível tudo isso estar acontecendo logo no início do filme. Foi então que me dei conta de que a duração de “Aliens” era 2h17. O que

estávamos vendo era o final da sessão das 15 horas. Saímos da sala ainda mais rápido do que entramos. Após nos sentarmos nos grandes bancos de alvenaria coberta de madeira, no hall de espera, ouvindo ruídos de máquinas hidráulicas, vozes humanas e gritos de monstros, notamos que o Cabral e o Waldecir não tinham saído da sala. Então, me esgueirei até a cortina, abrindo-a só um pouquinho e tomando o máximo cuidado de não olhar para o que estava acontecendo no filme. Lá estavam os dois, com os rostos iluminados pela luz que vinha da tela e com os olhos tão vidrados que pareciam nem piscar. Quando finalmente acabou a sessão, nos sentamos próximos a eles, que estavam eufóricos com o final do filme, falando das porradas que a Ripley dava na “mamãe alien”. Tentamos imaginar como isso seria possível, já que nas fotos de revistas e jornais, vimos que a Rainha Alien era enorme. Somente duas horas e dezessete minutos depois conseguimos entender o que eles estavam tentando dizer...

Apressadinhos... nós odiamos essa gente!

Dentre as muitas figuras que frequentam uma sala de cinema, as que mais nos irritavam eram os apressadinhos. Aqueles que, antes mesmo do filme terminar e de subirem os créditos finais, já se levantavam da cadeira em direção à saída. A nossa falta de grana fazia com que quiséssemos aproveitar os filmes até seu último segundo, por isso, aquele descaso nos aborrecia muito, principalmente porque essas pessoas ficavam desfilando na nossa frente e nos atrapalhando de ver os momentos derradeiros das películas. Mas existem casos ainda piores, principalmente em filmes que guardam aquela surpresa a mais no final. Entre eles cito dois do mestre James Cameron: “O Exterminador do Futuro” e “Aliens, o Resgate”. Ambas as produções reservam sequências finais emocionantes e, acreditem se quiser, nós vimos muitas pessoas ficando sem vê-las por terem saído cedo demais do cinema. Às vezes alertávamos, mas não era sempre. Me recordo de um caso emblemático na sessão de “Aliens”: uma amiga estava assistindo ao filme com o namorado, várias fileiras de poltronas à frente das nossas. Após a fuga desesperada de Ripley, a explosão atômica e sua chegada à nave mãe, com aquela cara de final, o casal se levantou e partiu em direção à saída da sala. Indignados com isso, por saber o que viria a seguir no filme, ficamos gritando: — “Ainda não acabou! Ainda não acabou!”. Isso chamou a atenção deles a ponto de diminuírem a velocidade dos passos, dando tempo de verem o que aconteceria em seguida.

Os empreendimentos da CMCJ

Grana para assistir aos filmes e manter as coleções de fotos, revistas e LPs sempre foi nosso maior problema. Como pedir aos pais nem sempre era garantia de sucesso, precisávamos encontrar outra solução. A primeira, mais suja, pesada e proibida, foi percorrer a linha férrea e pegar parafusos e outras partes metálicas, a maioria enferrujada, que ficavam amontoadas nas laterais dos trilhos. Após o alerta do dono de um ferro-velho de que aquilo poderia dar até prisão, decidimos parar com esse tipo de empreitada. Engraçado que, mesmo avisando que era crime, o homem comprou nossas peças. Mas isso não importava mais. Era preciso criar uma forma honesta de ganharmos dinheiro. Encontramos a resposta em nossa criatividade, ao brincarmos com uma caixa de geladeira vazia, simulando que era um submarino. Quando notamos que a molecada de uma geração posterior à nossa ficou interessada na brincadeira, achamos nossa fonte de renda. Alguns controles e telas pintados no interior, uma escotilha feita com plástico de microfilme e a foto de um peixe transformaram, pelo menos aos olhos daqueles meninos, uma caixa de geladeira num submarino de verdade, que mergulhava no fundo do mar e escapava de um desabamento subaquático, com direito a muitos sacolejos e efeitos especiais feitos com pedregulhos lançados sobre a caixa. Ao final da eletrizante aventura, quando a escotilha (tampa da caixa) era aberta, uma onda, feita com o plástico que envolvia a geladeira, invadia o barco e quase afogava os marujos. Os moleques adoravam e pediam mais. E, o melhor, pagavam novamente para passar pelas mesmas emoções, já que não adotamos a “Sessão Corrida” em nosso empreendimento. O passeio de submarino fez muito

sucesso e dinheiro, que era dividido em partes iguais entre os sócios fundadores e CEOs da CMCJ (iniciais de Cláudio, Marcelo, Cabral e Julio). O submarino foi o primeiro de muitos empreendimentos. Depois tivemos “Uma Viagem com o E.T.”, que também utilizava uma caixa de geladeira, desta vez emulando uma nave espacial. No interior da espaçonave, um E.T. de papel-machê, feito pelo Marcelo, recepcionava os viajantes. A voz do extraterrestre, dublada pelo próprio escultor, era pré-gravada. Quem ficava do lado de fora da nave, manipulava o gravador. As crianças eram induzidas a responder exatamente aquilo que o extraterrestre perguntava. Se elas questionassem qualquer coisa que não estivesse gravada na fita, o “piloto” da nave intervinha e respondia. Ao final do passeio a molecada poderia tocar, com seu indicador, o dedo do alienígena, que acendia graças a uma pequena lanterna colocada do lado de fora da caixa. A essa aventura espacial se seguiu o “Museu CMCJ”, com peças históricas verdadeiras, que cada um coletou em suas casas, como armas antigas, placas de calhambeques, fósseis e conchas. Ele não fez tanto sucesso entre nossos espectadores fieis porque não tinha o elemento lúdico que fascinava as crianças. Àquela altura, com a adição do Fábio, a equipe passou a se chamar CMCJF. O próximo evento realizado foi “Cine CMCJF”, utilizando um projetor de slides que o Cláudio havia ganhado de presente. Junto com a máquina veio uma caixa de slides com a história de “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”. Antes do início do filme exibíamos até mesmo um telejornal, como o antigo “Canal 100” dos cinemas, com alguns slides avulsos que traziam imagens do Kremlin, de um índio e de animais. A molecada curtiu, porém, ainda abaixo do esperado. Então colocamos a criatividade para funcionar e resolvemos criar nossos próprios slides. Compramos folhas de acetato e canetas hidrográficas próprias para desenhar em plástico, e começamos a fazer os slides caseiros. As produções iam de adaptações de filmes, como “Conan, o Bárbaro” e

“Caçadores da Arca Perdida”, até criações próprias como “O Terror na Cidade”, “O Cão Assassino”, “O Último Anjo” e “O Conde Drácula” (uma adaptação livre da história do vampiro), entre muitos outros. O sucesso foi estrondoso e a garotada pediu mais. Uma nova leva de filmes saiu de nossas cabeças e uma boa grana entrou em nossos bolsos. Também nos demos ao luxo de criar histórias somente para nossa diversão, como “A Lasanha Mutante”, “A Maldição da Catacumba” e “A Bosca” (sátira de “A Mosca”, que envolvia a esposa do dono de uma banca de revistas usadas da cidade). Então, como pretexto para animar nossas eventuais rodadas de pizzas, decidimos fazer, também entre nós, uma entrega de prêmios para as melhores produções. O nosso Oscar. E ele tinha categorias variadas: melhor filme, diretor, maquiagem, efeitos especiais, desenho, roteiro, etc. À medida que nossas coleções cresciam, novos empreendimentos eram necessários para mantê-las. Veio então uma mostra de terror, na qual utilizamos vários bustos de monstros e criaturas bizarras, moldados em argila pelas mãos talentosas do Marcelo. O início era marcado por uma sessão de exorcismo que aterrorizava as crianças. O próprio Marcelo, devidamente maquiado com feições grotescas, levitava diante dos olhos incrédulos da plateia. A luz do quarto piscava de forma assustadora, graças a uma daquelas pastilhas que, colocadas entre a lâmpada e o bocal, interrompem e liberam a corrente elétrica de forma sequencial. É claro que o exorcismo não passava de um truque usando pernas de madeira e lençóis. Ao final da encenação, as crianças saíam da sala para que preparássemos a exposição. Então, o Cláudio ocupava o lugar do Marcelo na cama e era coberto completamente com o lençol. Tinha início então a mostra de bonecos, que contava com duas espécies de lobisomem e vários outros seres aterrorizantes, muitos deles dos filmes que assistíamos. A conclusão apoteótica do show acontecia quando o Cláudio se levantava de repente, gritando e

pregando um baita susto na molecada, que saia correndo da pequena edícula localizada no quintal da minha casa. Sucesso absoluto! Os empreendimentos seguintes mudaram completamente de tom, o que fez com que o nome da nossa “empresa” (e do grupo) também mudasse.

Os shows do grupo Killers

O Cabral era o roqueiro da turma e nos apresentou bandas como Kiss, Iron Maiden, Van Halen, Queen e Black Sabbath, entre outras. Contagiados pela energia vibrante do heavy metal, deixamos de lado os slides e as apresentações de monstros, e partimos para fazer covers dubladas desses grupos. O principal homenageado era o Kiss, com direito a maquiagem, guitarras e um baixo com formato de machado. Nascia o grupo Killers. O visual era o ponto forte, com luzes coloridas, efeitos de fumaça e, até mesmo, um canhão que atirava de verdade. Deus abençoe o criador das caixas de geladeira. As três que passaram por nossas mãos se transformaram em submarino, espaçonave e, agora, num tanque de guerra. O que a plateia não sabia era que o Cláudio passava o show inteiro dentro da caixa/tanque e, em momentos pré-determinados, disparava rojões pelo cano de PVC que fazia o papel de canhão. Fizemos várias apresentações, todas com um público expressivo. Chegamos ao preciosismo de, imitando o Kiss, fazer nosso derradeiro show sem maquiagem. Como se todo mundo já não conhecesse os integrantes de cara limpa... Mas, o que verdadeiramente importava era a fantasia, a diversão. Esse foi o último empreendimento da antiga CMCJF. E o nome Killers continuou sendo usado apenas para batizar a turma, que havia crescido com a chegada do amigão Vítor Carvalho, outro apaixonado por cinema. Infelizmente não temos registro fotográfico de nenhum desses eventos. Filme e revelação eram caros na época e todo o lucro obtido era direcionado às nossas coleções.

Cinema escrito, quadrinizado e televisionado

Se as revistas importadas de cinema ainda eram apenas um sonho de consumo, devido ao seu preço proibitivo para nossos bolsos, haviam publicações nacionais que supriam, e bem, nossas necessidades por informações e fotos de filmes para nossos álbuns. No início predominaram os álbuns de figurinhas, dos quais me recordo com especial carinho os do “King Kong”, “Guerra nas Estrelas”, “Superman, o Filme” e “O Retorno de Jedi”. Eu consegui completar todos eles e guardo alguns até hoje. Outra opção eram as revistas especiais sobre as produções de maior sucesso, trazendo textos, fotos e bastidores. De novo, “King Kong”, “Guerra nas Estrelas” e “Superman”, com seu formato gigante, ganharam destaque, mas foram lançadas também, entre outras, as de “007 Contra o Foguete da Morte” e “Indiana Jones e o Templo da Perdição”. Em paralelo a esse formato, vez ou outra chegavam às bancas as adaptações dos filmes em quadrinhos. Entre as que ainda fazem parte da minha coleção estão: “Conan, o Bárbaro”; “Conan, o Destruidor”, “Gremlins”, “Uma Cilada para Roger Rabbit” e “Superman 3”. No quesito revistas de cinema, a veterana “Cinemin” fez nossa alegria durante muitos anos, mesmo com seu formato grande e somente as capas coloridas. Em edições posteriores, impressas em offset, a cor chegou também ao seu interior. Uma publicação que também ganhou espaço em nossa coleção foi a “Cinevídeo”. Outra revista que fazia enorme sucesso entre nós era a consagrada “Vídeo News”, que, além de falar de filmes e lançamentos em VHS, trazia também novidades sobre os equipamentos de áudio e vídeo que

chegavam ao mercado. Dela se originaram ainda os famosos “Guias de Vídeo”, nos quais o crítico Rubens Ewald Filho trazia resenhas de filmes de absolutamente todos os gêneros, com sua cotação para cada um deles. À medida que assistia às produções incluídas nos guias, eu deixava minhas cotações logo abaixo das do Rubens. A “Vídeo News” foi, por anos, a nossa principal fonte de informação até que, em junho de 1987, chegou aquela que se tornaria referência no mercado editorial sobre a Sétima Arte: a “Revista Set”. Com linguagem e diagramação modernas, novidades sobre estreias e lançamentos, além dos famosos cards com mini cartazes de filmes, a publicação cativou o coração dos cinéfilos ao longo de décadas, até sua última e melancólica edição em novembro de 2010. Se, durante os anos 80, a oferta de publicações sobre cinema foi boa, o mesmo não pode ser dito dos programas de TV sobre o tema. Deixando de lado produções independentes e de conteúdo escasso, como “Playrec”, exibida aos sábados pela Record, restam “Imagem & Ação” (1983), apresentado por Luciano Ramos, na TV Cultura; e “Cinemanía” (1989), capitaneado por Wilson Cunha, na TV Manchete. Embora trouxessem trailers, entrevistas e cenas de filmes, os programas não deixaram saudade. Para ser sincero, me recordo com muito mais carinho do quadro apresentado aos sábados, no Jornal Hoje, pelo saudoso Rubens Ewald Filho, no qual comentava as estreias da semana. A expectativa para ouvir sua crítica sobre os filmes que curtíamos era quase um evento, bem como seus comentários nas cerimônias do Oscar. Embora nem sempre concordássemos com ele, Rubens se tornou icônico para toda a turma. Eu tive a felicidade de conhecê-lo pessoalmente em 2003, na cabine para a imprensa do filme “X-Men 2”, realizada no Cine Frei Caneca, em São Paulo. Me arrependo de não ter pedido para tirar uma foto ao seu lado...

Som Pop e Enigma: oásis no deserto da televisão

Uma das grandes sacadas culturais daquela segunda metade dos anos 80 foi a criação de programas destinados à exibição de videocliques musicais. E nenhum desses programas foi para nós tão querido e emblemático quanto o “Som Pop”, exibido pela TV Cultura, às 18 horas dos sábados. Você, caro leitor, poderá perguntar o que isso tem a ver com filmes? Ora, música e cinema andam de mãos dadas desde o início. Antes de o som chegar aos filmes, pianistas eram contratados para acompanhar musicalmente as imagens exibidas na tela. Portanto, um programa que exibia cliques musicais, cedo ou tarde teria músicas de filmes em sua seleção. Além disso, aqueles eram os anos 80, período mágico em que surgiram (ou chegaram ao auge) grandes nomes do pop e do rock, como Queen, Michael Jackson, Madonna, Iron Maiden e incontáveis outros. Então, para nós era lucro assistir ao programa. Mesmo que não passasse nenhum videoclique com música de cinema, ainda assim poderíamos ver bandas e músicos que curtíamos. Outro fator é que, além de cinéfilos, éramos também fanáticos por tudo que tivesse efeitos especiais. E muitos videocliques da época foram produzidos com efeitos bacanas. Me lembro, em particular, de “Wild Boys”, do Duran Duran; “Synchronicity II”, do The Police; “Eyes Without a Face”, do Billy Idol; e o sensacional “Thriller”, do Michael Jackson, que, além de tudo, era dirigido por John Landis e tinha os efeitos de maquiagem a cargo de Rick Baker, dupla responsável pelo filmaço “Um Lobisomem Americano em Londres”. É claro que os musicais de filmes estavam entre os nossos favoritos, como os cliques

“Ghostbusters”, de Ray Parker Jr; “Against All Odds”, de Phil Collins, para o filme “Paixões Violentas”; “We Don’t Need Another Hero”, de Tina Turner, para “Mad Max Além da Cúpula do Trovão”; “Hard to Say I’m Sorry”, do Chicago, para “Amantes de Verão”; “A View to a Kill”, do Duran Duran, para “007 na Mira dos Assassinos”; “Dune - Desert Theme”, do Toto, para “Duna, o Mundo do Futuro”; “Maniac” e “What a Feeling”, de Michael Sembello e Irene Cara, para “Flashdance”; e dezenas de outros. O Som Pop marcou época em nossas vidas, tanto que, aos sábados, tudo era marcado para antes ou depois do programa. Ele era fixo em nossas agendas e nos ajudou a mergulhar na Cultura Pop dos fantásticos anos 80, dando-nos a oportunidade de ter contato com a obra de artistas como Kiss, Frankie Goes to Hollywood, Laura Branigan, Kim Carnes, Cindy Lauper, A Flock of Seagulls, Quiet Riot, Twisted Sister, Al Jarreau, Classix Nouveaux, e centenas de outros. Foi um período inesquecível! Entre 1987 e 1989, logo após o Som Pop, também na TV Cultura, passamos a assistir ao programa de perguntas e respostas “Enigma”, apresentado por Cassiano Ricardo e pela linda Cornélia Herr. Para nós, a sensação da atração começava logo na abertura, que lembrava, de forma explícita, os filmes do Indiana Jones, e tinha como trilha sonora a poderosa “Waxing Elisabeth”, composta por Bruce Broughton para o filme “O Enigma da Pirâmide”. Com cenários e provas também inspirados nas aventuras do arqueólogo mais amado das telas, o programa trazia ainda muitas questões sobre cinema, que desafiavam nossos conhecimentos. Às vezes sorteavam fitas VHS originais para quem telefonasse lá e acertasse o enigma da semana. Eu consegui participar uma única vez, quando sortearam a “fita selada” de “Indiana Jones e o Templo da Perdição”. Eu não ganhei, mas acertei a resposta, que, se bem me lembro, era George Lucas. Parafraseado e adaptando um slogan desse programa: Som Pop e Enigma eram, realmente, “dois oásis no deserto da televisão”. E seriam até hoje...

Poltergeist e Conan na Globo!!! Como assim?

Se a vida dos cinéfilos nos anos 80 não era fácil, a de cinéfilos pobres era ainda mais difícil. O videocassete ainda dava seus primeiros passos, mas somente nas casas dos mais abastados. Então, o cinema em casa ficava restrito aos filmes exibidos pela TV, principalmente a Globo. Os finais de ano eram uma ocasião em que nós ficávamos atentos à programação, pois a emissora costumava anunciar a seleção de filmes para o ano seguinte. E, em 1986, qual foi a nossa surpresa quando vimos que, entre as produções anunciadas, figuravam duas de nossas preferidas: “Poltergeist, o Fenômeno” e “Conan, o Bárbaro”. Até então, nunca tínhamos visto filmes tão recentes chegando à TV. A programação geralmente se limitava a películas dos anos 70 ou anteriores. Como de costume, ao final de cada edição da sessão Supercine, era mostrado o trailer do filme da semana seguinte. Quando vi que “Conan” seria um dos primeiros a serem exibidos, um sábado antes já estava de olho na TV. A ansiedade era tanta que assisti a “O Grande Gatsby” inteirinho. Estrelado por Robert Redford, não era exatamente o tipo de filme que eu curtia, mas para ver o trailer de “Conan” valia qualquer sacrifício. E a prévia foi tudo aquilo que eu esperava, mostrando, inclusive, a cena em que Valéria corta a cabeça de um dos seguidores de Thulsa Doom. Me lembro que minha mãe e uma vizinha estavam na sala e ficaram horrorizadas com a decapitação. Nem preciso mencionar que a semana que antecedeu a exibição de “Conan” foi uma das mais longas do ano. Deve ter tido, pelo menos, uns dezessete dias. Então, finalmente chegou o sábado. Preparei toda a parafernália, não apenas

para assistir ao filme, mas para obter todo e qualquer material colecionável que sua exibição proporcionasse. De um lado a máquina fotográfica, para conseguir imagens exclusivas de certas sequências que jornal nenhum havia publicado. Do outro, um rádio gravador para registrar a magnífica trilha sonora composta por Basil Poledouris, cujo LP, que ainda não havia sido lançado no Brasil, se tornaria um verdadeiro Santo Graal em nossas vidas (essa história ainda será contada). Ao final da exibição, meu sorriso ia de uma orelha a outra. Todas as músicas que eu gostava estavam lá, devidamente gravadas nos dois lados da fita cassete. O conteúdo das fotos demorou um pouco mais para sair, pois o filme precisava ser revelado. E o resultado foi decepcionante. Primeiro porque todas as cores ficaram azuladas, devido à imagem das antigas TVs de tubo. E segundo, porque, devido à varredura dos raios catódicos ser rápida para os olhos, mas lenta para o obturador da câmera, faixas pretas apareceram cobrindo justo as partes mais interessantes das imagens. Ainda assim algumas fotos foram parar nas páginas dos álbuns. Nós éramos um exemplo na reciclagem de material colecionável. Nada se perdia. Tudo se colecionava.

A mania do registro de filmes

A paixão por algum assunto, hobby ou predileção pessoal pode, às vezes, transcender o bem-estar que eles deveriam proporcionar e se transformar num problema. Em nossa cruzada para assistir filmes e colecionar artigos relacionados à Sétima Arte, alguns exageros surgiram ao longo desse caminho. Relembro de um que se destacou bastante: o de registrar absolutamente todos os filmes que assistíamos. Essa ideia partiu do Cláudio, após a Rede Globo iniciar uma nova fase da sessão Supercine, aos sábados. E esta nova etapa começou com "Conan, o Bárbaro" (como visto no tópico anterior), um filme que a turma vira várias vezes. Eu também adotei a ideia por cerca de quatro anos, entre 1985 e 1988, antes de abandoná-la. Mas, para o Cláudio, não foi tão fácil fazer isso. E o que deveria ser motivo de diversão, praticamente se transformou num TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo). Como tinha boa memória, ele resgatou filmes que havia visto antes de começar os registros. A meticulosa tarefa compreendia registrar o nome do filme, seu título original, o número de vezes que ele havia assistido a película, além da mídia (TV, Cinema ou VHS), emissora de TV e nome da sessão, como Supercine, Sessão das Dez, etc. Filmes como "Os Caçadores da Arca Perdida" já ultrapassavam 80 sessões em 20 anos. Tal lista passou também a controlar suas decisões. Por exemplo: ainda que estivesse odiando determinado filme, ele se obrigava a assisti-lo até o final a fim de fazer o registro. E várias regras foram surgindo para deixá-lo ainda mais preso a essa mania. Outro exemplo: se, por alguma razão, o Cláudio pegasse um filme já começado, ele estipulou o cálculo de 70% do tempo de duração da produção como o limite mínimo para que a sessão pudesse

constar dos registros. Meio filme não valia. E isso o irritava, principalmente porque, na época, não tínhamos a facilidade de hoje em dia (Internet, streaming, etc.) para rever uma película. As marcações eram feitas, inicialmente, em cadernetas brochura, a caneta, e depois datilografadas. Ainda não havia as facilidades do Word e de outros editores de texto. Os (poucos) computadores ainda funcionavam com o DOS. E nenhum de nós possuía um. Cláudio preencheu, pelo menos, 25 cadernetas ao longo de 22 anos, além de várias pastas de registros datilografados. Mesmo depois de ter comprado um computador, ele nunca chegou a passar suas anotações para o formato digital. Essa rotina, que já havia se transformado num vício, durou até o ano de 2006, época em que o DVD e a Internet já estavam consolidados. Numa viagem a Atibaia, Cláudio foi assistir a um filme no hotel onde se hospedava, mas o DVD estava arranhado e travou na metade, impedindo-o de vê-lo até o final e, principalmente, de registrá-lo. Enquanto ele não vasculhou as locadoras de São José dos Campos em busca do filme e não o assistiu para validar seu registro, não sossegou. Situações parecidas passaram a ocorrer com uma frequência preocupante, como se o registro fosse um altar de sacrifícios. Ele tinha que sempre oferecer algo. Nesse caso, o sacrifício era o seu já escasso tempo. E as coisas pioraram. Registrar apenas uma sessão de determinado filme não bastava. Era preciso assistir novamente para que pudesse constar mais vezes na caderneta. Quando tinha assistido 30 vezes a uma produção e decidia promovê-la para o patamar de 40 sessões, via-se obrigado a completar as dez faltantes. Quando o sinal de alerta se acendeu, ele parou de registrar filmes. Decidido, jogou fora as cadernetas. Anos mais tarde encontrou algumas num armário e decidiu guardá-las, como um souvenir histórico. Ele estava curado do vício de registrar filmes. E isso também serviu como lição para ser utilizada em outros aspectos de sua vida. Ah, o Cláudio não sabe o número

exato de vezes que assistiu "Os Caçadores da Arca Perdida", seu filme favorito, mas, seguramente, foram mais de 100 (a última sessão foi há um mês). E ele não anotou.

Peregrinações por livrarias e sebos de discos de São Paulo

Com os empreendimentos da CMCJF ficando para trás e as responsabilidades da vida surgindo, a maioria dos integrantes da turma já tinha seus empregos. Se, por um lado, isso aumentou consideravelmente nossa verba para compra de colecionáveis, por outro nos tirou muito do tempo livre para correremos atrás desses itens. Por isso marcávamos, com certa frequência, verdadeiras excursões até a capital paulista em busca de e trilhas sonoras de filmes, revistas de cinema e quadrinhos. Era só o tempo de juntar certa quantia de dinheiro, que logo seguíamos nosso roteiro de compras. Inicialmente ele se limitava aos shoppings de São Paulo, como o Iguatemi, o Morumbi, o Ibirapuera, o Center Norte e o Eldorado, nosso preferido por causa da livraria Art Nouveaux, que possuía uma vasta oferta de revistas importadas sobre cinema, como Starlog, Fangoria, Cinefantastique e outras. Nesses centros de compras descobrimos também as livrarias Saraiva e Siciliano, em seus tempos áureos. Muita grana foi deixada em seus caixas. Vale lembrar que, nessa época, ainda não existia o conceito de cinema em casa, por isso não havia venda de filmes. O VHS engatinhava no país e as locadoras tinham em seu acervo mais fitas piratas que originais. Por essa razão as revistas e discos eram nossos únicos alvos. E, quando me refiro a discos, são os LPs, os bolachões de vinil, já que o CD também não havia chegado por aqui. As visitas à capital, realizadas sempre aos sábados, ganharam um novo fôlego quando descobrimos os sebos de livros e discos, localizados no centro velho, nos arredores do Teatro Municipal. O calçadão da Rua 24 de Maio, com suas

galerias, se tornou o nosso paraíso de compras. Na Galeria 188, as principais lojas que visitávamos eram a Faunus Discos e a Ventania. Por anos as duas abasteceram nossas coleções de trilhas com itens variados e raros. O Museu do Disco era outro local bastante frequentado por nós, embora seus preços fossem um pouco elevados para nossos padrões. O mesmo aconteceu com a Eric Discos, no bairro de Pinheiros, que tinha um acervo maravilhoso, mas preços assustadores. À medida que novas lojas iam sendo descobertas nestas andanças, nossa permanência na cidade grande se estendia em tempo. Nas proximidades da estação Ana Rosa do metrô, onde fazíamos a baldeação do trem para o ônibus que levava a alguns shoppings, descobrimos a pequena livraria Alex's Books, repleta de publicações sobre cinema e gibis, que eram o foco principal do Cláudio e do Waldecir, fãs dos super-heróis Marvel. Numa dessas idas à capital, visitamos uma feira de vídeo, uma das primeiras a serem realizadas no Brasil. Voltamos para casa lotados de pôsteres, capinhas de VHS e folhetos. Com o tempo, as idas a São Paulo foram diminuindo de frequência até cessarem por completo. Primeiro porque conhecemos o Valmir, que trabalhava na capital e conseguia trazer muita coisa para nós, e, mais tarde, pelo advento da Internet, que extinguiu todas as distâncias. Veio a época dos CDs, e as lojas In Concert, do Sr. Marques, e Always Discos, do Marco e do Adilson, foram nossos principais fornecedores. Um detalhe pitoresco: em nossas idas a São Paulo, todo o dinheiro guardado era destinado às compras de itens para as coleções e passagens de ônibus e metrô. Por essa razão, a alimentação deveria ser trazida de casa. Nesse aspecto nossas mães foram fundamentais, fazendo lanches e tortas para levarmos em nossas mochilas. O piquenique era feito, geralmente, nos estacionamento dos shoppings. Éramos farofeiros, mas por uma boa causa...

A trilha sonora de Conan, o Bárbaro

Se havia uma pergunta que repetíamos à exaustão, nas centenas de lojas de discos que visitávamos por toda parte, é se elas tinham à venda a trilha sonora de “Conan, o Bárbaro”. Isso se tornou praticamente o nosso mantra em qualquer biboca que passássemos pela porta e que tivesse uma banquinha de LPs. Como disse antes, a magnífica trilha composta por Basil Poledouris se tornou o nosso Santo Graal, nossa Arca Perdida do mundo da música de cinema. Até então, as únicas fontes de que dispúnhamos para apreciá-la eram as fitas que havíamos gravado diretamente da TV, quando o filme foi exibido pela Rede Globo. A cada busca fracassada, cuidávamos dos cassetes com ainda mais zelo, para que nunca se enrolassem nos mecanismos do gravador e nos privassem de sua audição. Os cabeçotes dos aparelhos eram meticulosamente limpos antes de cada reprodução. Naquela época os equipamentos que dispunham de dois decks para a cópia de fitas ainda eram muito caros e não se achavam com facilidade numa cidade do interior. Por isso, aquelas fitas gravadas por mim e pelo Cláudio eram tudo o que tínhamos. O áudio não era dos melhores e ainda tinha todos os diálogos do filme, o que conferia certo charme à nossa edição. Com o tempo, decoramos todas as falas, com suas respectivas entonações e impotações, especialmente os diálogos do vilão Thulsa Doom, dublados de forma magistral pelo grande Isaac Bardavid. E assim foi por algum tempo. Mas, tudo isso estava para mudar...

A viagem a Belo Horizonte

Nossas coleções e paixões permitiram que fizéssemos amizade com muitas pessoas de várias cidades, estados e até de outros países. Mas não pensem que era fácil como hoje em dia, com Facebook, WhatsApp e afins. Naquela época o contato era raiz, feito por meio de cartas enviadas pelos Correios e, muito raramente, por telefone, já que a ligação DDD (Discagem Direta à Distância), o famigerado interurbano, era muito cara. Na maioria das vezes nós conhecíamos esses novos amigos das formas mais prosaicas imagináveis: as sessões de cartas de gibis e revistas. E foi assim que chegamos àqueles que viriam a se tornar nossos grandes ADD (Amigos Diretos à Distância): o Vander de Oliveira e o Nilo Estanislau, que moravam em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Várias trocas e compras à distância serviram como preliminares para um encontro presencial. O Cláudio foi o primeiro a quebrar essa barreira, ficando hospedado alguns dias na casa do Vander. A invasão de BH pela turma aconteceu em 1987, quando fomos eu, Cláudio, Marcelo e Waldecir para a capital mineira. Após uma breve votação, antes da viagem, ficou decidido que eu e o Marcelo nos hospedaríamos na casa do Nilo, por nós três sermos cinéfilos inveterados; enquanto que o Cláudio e o Waldecir iriam para a casa do Vander, que, como eles, era um aficionado colecionador de histórias em quadrinhos. Nossa visita foi inesquecível por muitos motivos. Estávamos ao lado de novos amigos, que gostavam das mesmas coisas que nós, fomos várias vezes ao cinema, tivemos a oportunidade de conhecer a capital de outro estado, a querida Minas Gerais, e, claro, porque pudemos fazer aquele tour guiado pelas livrarias e lojas de discos da capital mineira. Foi então que, numa de nossas

últimas incursões de compras, no BH Shopping, entramos numa loja de discos igual a centenas de outras que conhecêramos antes. Estávamos ali, nos localizando para encontrar a estante com as trilhas sonoras quando, em sincronia, todos vislumbramos, ao mesmo tempo, aquela capa com um homem musculoso levantando sua espada com uma das mãos, tendo ao seu lado uma bela loira seminua. Sim meus amigos, era o LP com a trilha de “Conan, o Bárbaro”. Nossa busca estava terminada, nosso Graal encontrado. A nossa arca não estava mais perdida. Como um raio, corremos em direção à estante. O Cláudio foi o primeiro a chegar. Eu imagino que o dono da loja tenha ficado assustado com toda aquela correria e gritaria. Mal conseguíamos acreditar no que estávamos vendo. E não havia apenas um exemplar da trilha, mas vários. Para cada um de nós e ainda sobravam alguns. O que foi ótimo, porque se tivessem sido encontradas apenas uma ou duas unidades, a situação poderia ter terminado em morte. Nossa felicidade foi tamanha, que nem me recordo se olhamos o restante dos discos. Depois de tanto tempo procurando por aquela trilha, sem sucesso, tentamos imaginar o que teria feito surgir vários exemplares em apenas um lugar. Por que ela havia sido lançada somente agora, mais de quatro anos após a chegada do filme aos cinemas? Chegamos à conclusão de que, após termos perguntado por ela centenas de vezes, em incontáveis lojas, seus proprietários devem ter entrado em contato com a gravadora e dito: — “Olha, tem um monte de gente procurando esse álbum por toda parte. Lancem logo, porque o sucesso de vendas será garantido”. Bom, ao menos quatro unidades eu tenho certeza de que foram vendidas...

O primeiro pornô a gente nunca esquece.

Como já disse antes, a censura sempre foi uma pedra no nosso sapato cinéfilo. À medida que, uma a uma, as barreiras etárias foram caindo, e finalmente conseguíamos assistir aos filmes com classificações acima de nossas idades, chegou a vez da última fronteira: as produções pornográficas, de sexo explícito. O Cláudio foi o primeiro do grupo a desvirginar esse território tão inóspito quanto atraente, em uma de suas viagens a Cuiabá, onde moravam seus avós. O filme visto por ele tinha um nome tão sugestivo quanto explícito: o nacional “Oh! Rebuceteio”. Eu me lembro até hoje de sua explicação para que nós entendêssemos como era um filme do gênero: — “Imaginem aquelas revistas de sacanagem, só que com tudo se mexendo”. Pronto. Essa foi a deixa para que todos quiséssemos averiguar isso pessoalmente. Aguardamos até que a próxima produção pornô estreasse no Cine Palácio. Não demorou muito até que o cartaz do brasileiro “A Noite das Penetrações” passasse à vitrine principal, dos filmes em exibição. Decidimos ir naquela mesma noite. Enquanto eu e o Cláudio estávamos diante do cartaz, escolhendo a sessão, eis que, na mesma calçada, vinham minha mãe e minhas irmãs. Disfarçamos ao máximo para que elas não desconfiassem de nossos planos e não prestassem atenção no filme que estava em cartaz. Foi tenso, mas conseguimos nosso objetivo. Finalmente era chegada a hora. As cortinas amarelas se abriram e começou a tal “Noite...”. Pense num filme ruim, sem roteiro algum (Roteiro? Em filme pornô?) e com um elenco feio toda a vida. Porém, o mais importante é que a barreira fora quebrada, e ele ficou marcado como o

primeiro pornô de nossas vidas (menos para o Cláudio). Ao final, o melhor daquela sessão foi mesmo assistir ao trailer de “As Gostosas de Las Vegas”, que estrearia na semana seguinte. Claro que, sete dias depois, estávamos todos lá prestigiando. Esse sim, um pornô com roteiro. Pelo menos, um fiapo de história policial costurando toda a sacanagem. As atrizes? Todas muito bonitas e “talentosas”. O filme acabou entrando na lista de nossos preferidos de todos os tempos. Com o advento do videocassete, nomes como Ginger Lynn, Marilyn Chambers, Annette Haven, Amber Lynn e Tracy Lords passaram a integrar nosso rol de atrizes favoritas do cinema. Antes que vocês possam ficar chocados por colocarmos as estrelas do pornô ao lado de gente como Meryl Streep e Jessica Lange, por exemplo, é importante ressaltar que sabíamos muito bem valorizar o “talento” de cada uma delas em sua área de “atuação”.

A Última Cruzada em São José dos Campos

Embora contássemos com boas salas de cinema, tanto em Pindamonhangaba, quanto na vizinha Taubaté, às vezes alguns filmes não eram exibidos nessas cidades. Em outras ocasiões (a maioria), era nossa ansiedade que não nos permitia esperar até que a película chegasse aos cinemas mais próximos de nossas casas. Esse foi o caso da terceira aventura do mais famoso arqueólogo das telas. “Indiana Jones e a Última Cruzada” estreou no Brasil em 1989 e, é claro, as expectativas da turma estavam nas alturas. Em nossa região o filme chegou primeiro ao cinema do antigo Shopping do Centro, em São José dos Campos, cidade distante cerca de 60 quilômetros de Pindamonhangaba. Para nos anteciparmos e conseguirmos assistir ao filme o quanto antes, uma complicada logística precisou ser planejada. O primeiro passo era descobrir os horários das sessões, coisa que só poderia ser feita por telefone, já que Internet, para nós, ainda era coisa de cinema. A etapa seguinte era saber os horários de ônibus para aquela cidade (as opções eram poucas). O terceiro passo era calcular o tempo de viagem para saber com que antecedência precisaríamos sair de casa. Havia ainda mais uma variável a ser levada em conta: como o shopping não ficava próximo à rodoviária, teríamos que pegar mais um coletivo até lá. Com todos os dados colocados na equação, além de um bom tempo extra acrescentado para qualquer imprevisto, optamos por uma sessão matinal de domingo. O frio na barriga, pela ansiedade de assistir ao filme e também pelo medo de qualquer atraso, passou no momento em que cada um de nós estava com seu ingresso na mão. E,

pelo jeito, a expectativa não era só nossa, já que havia uma multidão esperando o término da sessão anterior. Enquanto aguardávamos, naquele escuro e apertado corredor que dava acesso à sala de projeção, os efeitos sonoros do filme e a poderosa trilha sonora de John Williams ecoavam por todos os lados. Nesse instante, baseados apenas nos sons e na música que ouvíamos, cada um de nós criou na mente sua própria versão do filme. Quando identificamos que os acordes do tema principal ribombavam no cinema, tivemos a certeza de que se tratavam dos créditos finais. A sessão anterior havia acabado e nossa aventura estava prestes a começar...

Videocassete: um aparelho para dominar a todos os cinéfilos

Nossa vida cinéfila prosseguia com a rotina de sempre, vendo filmes no cinema, na TV e colecionando fotos e discos, quando uma notícia veio para revolucionar todos os conceitos no que se refere a usufruir o melhor da Sétima Arte no conforto de nossos sofás: a chegada do videocassete. Um aparelho que, conectado a qualquer televisão, trazia a magia do cinema para dentro da nossa casa. Em dias de streaming isso pode parecer piada, mas não naqueles anos. Tudo mudou a partir de então. Com o videocassete nasceu o conceito do cinema em casa. Graças a ele tiveram início as coleções de filmes. E, por causa dele, surgiram as videolocadoras. Assistir às vinhetas de distribuidoras como CIC Vídeo, LK Tel, VTI, Abril Vídeo, e várias outras, era um momento quase religioso, de silêncio e reverência. O videocassete era a resposta milagrosa para as nossas orações. Mas, cinéfilos pobres têm a sua fé testada a todo instante. Agora era preciso aumentar as rezas, novenas, rosários e promessas para que conseguíssemos comprar um equipamento. Como ocorre com qualquer outra novidade eletrônica em seu lançamento, os preços dos videocassetes eram proibitivos, e nossos pais nunca iriam querer gastar tanto dinheiro em um aparelho para passar filmes na TV. As próprias redes de televisão já faziam isso. E de graça...

O videocassete do tio

O videocassete dava seus primeiros passos no Brasil, mas ainda custava os olhos da cara, e, em alguns casos, era vendido somente por consórcios. Enfim, coisa de rico ou de quem ganhasse muito bem. O que, nestas duas variáveis, não era o nosso caso. Foi então que meu tio Toninho, que morava em Taubaté, comprou um. Era aquele primeiro modelo da Philco, cuja gaveta para colocar a fita ficava no topo do aparelho e o controle-remoto ainda era com fio. Sabendo que eu gostava muito de filmes, ele me convidou para assistir algumas fitas em sua casa. É claro que levei meus amigos. Então, ao final da primeira sessão, ele proferiu a frase mágica: — “Podem vir quando quiserem”. Mal sabia ele que essas palavras marcariam o fim do seu descanso vespertino aos sábados, pois, a partir de então, em quase todos eles a campainha tocava e lá estava eu, para a sessão semanal, acompanhado de mais dois ou três. A possibilidade de ver filmes inéditos e rever nossas produções preferidas foi um divisor de águas em nossas vidas e rendeu inúmeros episódios divertidos, que abordarei a seguir. E tudo graças aos meus tios, Toninho e Cleusa, a quem sou imensamente grato por nos terem possibilitado tudo isso.

O primeiro filme na casa do tio

“Um Lobisomem Americano em Londres”, clássico de John Landis, prometia uma das mais realistas transformações de homem em lobo já vistas no cinema. Nós, fanáticos por filmes de terror, e também por todo tipo de efeitos especiais, não víamos a hora de assisti-lo. Mas, havia um impedimento naquela época: a censura 18 anos. Filmes com censura 14 já não eram problema, a barreira dos 16 já havia sido vencida, mas 18 anos ainda era um salto muito grande e arriscado (isso aconteceu antes das sessões de filmes pornôns no Cine Palácio). Com o videocassete, ou melhor, com o videocassete do meu tio, a censura foi vencida e assistimos ao lobisomem de Landis. Extasiados com os efeitos de maquiagem de Rick Baker, nós nem piscávamos. O filme já caminhava para seu final quando a vontade de rever a incrível transformação de homem em fera foi mais forte. Aproveitando que meus tios haviam saído para fazer compras, rebobinamos mais de quarenta minutos de fita. Depois disso deixamos seguir normalmente até o final. Quando o meu tio chegou, algum tempo depois, vendo que o filme ainda não havia terminado, comentou: — “Nossa, que filme comprido! Ainda não acabou”. Aqueles foram os 90 minutos mais longos da história do cinema.

O esquema The Evil Dead

O início da década de 80 ficou marcado pelo auge de uma febre mundial de filmes de terror, que ainda se estenderia por alguns anos. Entre grandes produções como “O Enigma de Outro Mundo”, e trashes como “Pieces” e “XTRO”, surgiu uma pérola do terror, batizada pelas locadoras de “A Morte do Demônio”. Na verdade tratava-se de “The Evil Dead”, um clássico absoluto do diretor Sam Raimi. Nós ficamos sabendo da existência deste filme na Livraria Art Nouveaux, do Shopping Eldorado, em São Paulo, ao folhearmos pela primeira vez uma revista especializada em filmes de terror, a famosa Fangoria, que, claro, não pudemos comprar porque era importada e custava muito para nossos bolsos pobretões. Ser cinéfilo pobre, mas com gosto refinado, era uma tortura. Foi então que, alguns meses depois, meu tio nos convidou para assistir em sua casa a um filme de terror que estava sendo considerado um dos melhores e mais violentos do ano. Embora não tivéssemos colocado muita fé no entusiasmo do meu tio, as palavras filme, terror e violência, na mesma frase, nos colocaram direto dentro do ônibus da Pássaro Marron. Ao final da sessão todo estávamos chocados, pois nunca havíamos visto um filme como aquele. Precisávamos urgentemente rever aquela obra-prima a qualquer custo, mas o único local que possuía a fita era um videoclube de Taubaté, do qual meu tio era associado. Lá, o sócio pagava um valor mensal e podia ficar com o filme por uma semana. Como, naquela época, mais alguns conhecidos nossos já tinham videocassete, decidimos montar um esquema para rever “The Evil Dead” durante uma semana inteira. Era final de agosto de 1986. Pedi ao meu tio para alugar novamente o filme. Pegamos a fita com ele num sábado para devolver

apenas no final de semana seguinte. No dia 28 assistimos na casa do Luiz, um colega de classe do Cláudio. Lotamos a sala dele para ver o filme. Na sexta-feira, dia 29, combinamos com o amigo César Machado, para assistir novamente em sua casa. E, no sábado seguinte, dia 30, ainda assistimos mais uma vez na casa do meu tio, com a desculpa de que não tínhamos conseguido ver durante a semana. Detalhe, tanto o Luiz quanto o César moravam em bairros afastados da cidade, acessados por ônibus. Quando devolvemos o filme para meu tio, a fita já havia rodado quilômetros nas estradas e também nos videocassetes que conseguimos para assisti-la.

O medo de O Exorcista

Com a casa do tio à disposição para assistirmos aos filmes que sempre sonhamos, inclusive aqueles cuja censura não permitia nossa entrada nos cinemas (com exceção de pornô, é claro), chegou aquele momento em que nos deparamos, na prateleira da locadora, com o mega clássico “O Exorcista”. Neste momento também veio o medo. Não do filme e das sequências de possessão demoníaca e exorcismo, mas da cena em que a menina Regan se masturbava com um crucifixo. No livro, sua descrição pelo autor é de arrepiar. Em nossa mente fértil, aquela cena se desenrolaria com requintes de detalhes explícitos, mostrada de todos os ângulos possíveis. Como iríamos levar um filme com uma cena dessas para assistirmos na sala do meu tio onde, às vezes, minha tia e minhas primas pequenas passavam pela sala? Quem nos confortou o coração foi Eduardo, tio do Cabral, que já tinha assistido ao filme, e nos revelou que não aparecia nada demais. Só que não chegamos a alugar o filme para assistir na casa do meu tio, pois descobrimos outro videocassete ao nosso alcance...

No CCAA também tem videocassete!

Em nossas aventuras como caçadores de videocassetes perdidos, descobrimos que a escola de inglês CCAA realizava, às sextas-feiras, sessões de filmes para alunos e convidados. Era uma oportunidade que não poderíamos deixar escapar. Por isso, com a maior cara de pau do mundo, nos infiltramos entre os alunos e convidados e viramos presença constante nas sessões de sexta à noite. Algumas exhibições tinham uma particularidade: os filmes não tinham legenda em português, somente o áudio original em inglês. Mas quem se importava com isso? E foi numa dessas sessões que finalmente assistimos a “O Exorcista”. E, detalhe, legendado. Descobrimos que nossos medos eram infundados, já que, como o tio do Cabral nos havia tranquilizado, a tal cena não tinha realmente nada demais, era somente uma menina possuída pelo demônio se masturbando com um crucifixo. Mas nada explícito. Em outra sessão, curtimos a bela Brooke Shields em “Amor Sem Fim”. Na exibição deste filme, que foi sem legendas, ríamos da canastrice do ator principal em uma cena dramática, quando uma moça com traços orientais veio nos chamar a atenção porque estávamos rindo do drama. Por ser professora de inglês, ela achou que, pela falta de legendas, nós não tínhamos entendido o que estava acontecendo, e veio tirar uma onda. — “You no nothing, lady”!

Terror e efeitos especiais? Deixa com a gente!

Ninguém pode negar que os anos 80 marcaram tanto o cinema de terror, quanto o destaque aos efeitos especiais. Colocar no cartaz do filme o nome do maquiador ou do responsável pelos efeitos era quase uma garantia de boa bilheteria. Nomes como Rob Bottin, Rick Baker, Ray Harryhausen, Tom Savini, Richard Edlund, Phil Tippett, e outros mestres. Como tínhamos à nossa disposição um videocassete que era à prova de censura, fizemos a festa. É claro que boa parte dos filmes era trash. Creio que a maioria deles, mas isso não importava. Tudo o que queríamos ver era sangue, tripas e efeitos legais. E nestas sessões gore rolaram pérolas como “Sangue Amaldiçoado”, “Amityville 2 - A Possessão”, “Halloween 3 - A Noite das Bruxas”, “O Massacre da Serra Elétrica 2”, “O Mutilador”, vários “Sexta-Feira 13” e muitos outros. Entre os que realmente valeram à pena estavam “The Evil Dead”, “Um Lobisomem Americano em Londres”, “Grito de Horror”, “O Enigma do Outro Mundo”, e mais alguns poucos. Vários anos mais tarde, em 2020, minha prima Michelle, a primeira das três filhas do meu tio, me confidenciou que ficava atrás da porta do quarto, escutando os sons dos filmes e de nossas reações, num misto de medo e curiosidade. Ainda bem que ela nunca foi até a sala. Isso certamente evitou muito tempo de terapia para livrá-la do trauma de ver decapitações, corpos desmembrados, tripas e sangue espirrando, além de muitas outras barbaridades que faziam a nossa alegria.

O constrangimento de Humongous

A sessão de “Humongous” (no Brasil “A Ilha dos Cães”), um desses inúmeros filmes baratos com assassinos dizimando jovens sexualmente ativos, foi uma das mais tumultuadas e embaraçosas desse cinema na casa do meu tio. Tumultuadas porque minha mãe e minha irmã vieram junto, falando durante todo o filme para decidir se minha irmã iria ou não ficar lá com minhas primas. Após uma bronca minha, querendo ver e ouvir o que acontecia na tela, o assunto foi resolvido e elas foram embora. O pior veio a seguir, numa cena que se passava num barco, na qual o cara apalpava com muita vontade a bunda da namorada. A minha tia Cleusa passou pela sala justo naquele momento e soltou um: — “Nooooosssssaaaaa, que filme é esse?” O silêncio que se seguiu foi, no mínimo, constrangedor.

Fúria de Titãs e também da prima que não parava de chorar

Mais uma sessão na casa do tio, desta vez para rever “Fúria de Titãs”, o clássico filme de fantasia com efeitos especiais do mestre Ray Harryhausen. Logo no início da exibição meus tios precisaram sair e deixaram a Mirella, minha prima caçula, que na época deveria ter entre dois e três anos, dormindo. Eu pensei: — “Nossa, se a menina acorda antes deles voltarem, vai estranhar a todos nós”. É claro que ela acordou, e, óbvio, armou o maior berreiro. Tentei acalmá-la com mamadeira, brinquedinhos, chupeta, mas nada silenciava a choradeira. A solução veio do próprio mestre Harryhausen. Tirei a garota do berço e a levei para a sala. Ao ver as criaturas fantásticas desfilando na tela, Mirella ficou vidrada com as imagens e se acalmou. Quietinha, assistiu ao filme até o final. E depois voltou a dormir, provando que cinema é melhor que chupeta ou chá de erva cidreira.

A melhor sessão de Conan, o Bárbaro

A primeira aventura do bárbaro Conan, dirigida por John Milius e estrelada por Arnold Schwarzenegger, marcou época porque trouxe algo até então inédito para garotos de nossa idade: sequências de extrema violência temperadas com algumas cenas mais picantes, tudo embalado pela magnífica trilha sonora composta por Basil Poledouris. Após sua passagem pelos cinemas, a primeira vez em que revimos o filme foi numa sessão de videocassete na casa do meu tio (isso aconteceu antes da exibição na TV). Era inverno e estava um dia especialmente gelado. Quando chegamos ao nosso destino, ficamos sabendo que a TV de 20 polegadas do meu tio pifara e que teríamos que assistir “Conan” num pequeno aparelho de 14 polegadas. Mesmo com tal revés, essa veio a ser uma das melhores sessões do filme, principalmente pela reação do meu tio, que vibrava a cada cabeça decepada pelo herói. Essa sessão marcou também por ter sido a primeira vez que o Marcelo assistiu à película, depois de sua frustrada e humilhante tentativa de burlar a censura e Loló, o implacável gerente do Cine Palácio. Ao final da exibição perguntamos qual a sua opinião sobre o filme. Sua resposta: — “Bárbaro!”.

O horror de Faces da Morte

A oferta de filmes de terror cada vez mais sangrentos só não era maior que a nossa avidez pelos mesmos. Eis que, em 26 de julho de 1986 chegou a nossas mãos o comentadíssimo “Faces da Morte”, vendido como um filme de terror com imagens inteiramente reais. Gente comendo o cérebro de um macaco vivo, um prisioneiro sendo eletrocutado diante das câmeras, pessoas devoradas por animais, fuziladas, decapitadas, e uma série de outras atrocidades. Mais do que a violência mostrada nas telas, nos incomodou o estilo documental. Aquilo não era um filme de terror divertido. Não tinha roteiro. Era até amador demais. A crueza de algumas imagens foi, aos poucos, fazendo com que alguns amigos deixassem a sala antes do término do filme. Primeiro o Cláudio, depois o Waldecir, até que restassem, resistindo bravamente, apenas eu e o Cabral. Contudo, nós nunca iríamos imaginar que, algumas décadas depois, os produtores e diretores da série “Faces da Morte” (sim, foram vários filmes) revelariam em um documentário que boa parte daquilo era forjada e encenada. Com o passar dos anos “Faces da Morte” acabou se tornando fake demais diante dos vídeos aterrorizantes de terroristas, acidentes e tiroteios (todos esses verdadeiros) disponíveis na Internet.

“Fitas piratas” X “fitas seladas”

Quando surgiram as primeiras locadoras em nossa cidade, 110% das fitas eram cópias, as famosas fitas piratas. Elas tinham imagens escuras, legendas mal feitas e, até mesmo, filmes cortados para encaixar nos 120 minutos de uma fita padrão T120. As T160 e T180 ainda eram raras. Quando se tratava de uma produção muito longa, ela era dividida em duas fitas e, detalhe, o aluguel era cobrado como se fossem dois filmes. Não importava se era apenas um longa-metragem dividido em dois. A locadora cobrava pela quantidade de fitas. E, detalhe, se a fita fosse devolvida sem estar rebobinada, uma multa era cobrada do locatário. À medida que os filmes em VHS foram se popularizando e passaram a ser comercializados no Brasil, começaram a chegar às locadoras as fitas originais, popularmente batizadas de “seladas”, por possuírem os selos da Embrafilme, UBV ou Sinevídeo, que autenticavam a sua procedência. É claro que as “fitas seladas” também tinham preços diferenciados por serem originais. Ainda bem que rachávamos entre nós o aluguel dos filmes...

As mocinhas das locadoras

Nas primeiras locadoras a abrirem na cidade, o atendimento aos clientes era predominantemente feminino. E a maioria das atendentes sabia muito pouco ou quase nada sobre filmes. Me recordo de alguns casos que ilustram muito bem esse comentário. No primeiro deles, alugamos, na Kolnoa Vídeo, o filme “Excalibur – A Espada do Poder”, que conta a saga do Rei Arthur. Ao entregarmos a ficha para a moça, ela soltou a pérola: — “Excalibur é muito bom. É aquele filme do submarino”. Na outra oportunidade, o primeiro “The Evil Dead” (A Morte do Demônio) estava bombando nas locadoras e eis que surge um tal “To the Devil a Daughter” (Uma filha para o diabo). Como não tinha Internet para consultarmos sobre o que se tratava a história, e a moça da locadora disse que era tão bom quanto o “The Evil Dead”, decidimos alugar. O filme não era ruim, mas era antigo, com Christopher Lee e Nastassja Kinski no elenco. Era um terror clássico e não aqueles filmes sangrentos que procurávamos. Resultado: frustração e grana do aluguel da fita e da passagem de ônibus jogados fora com algo que não nos agradou. Um desperdício do nosso parco dinheirinho. A terceira e mais infame dessas bolas fora das atendentes de locadoras foi quando assistimos ao filme “O Exterminador 2”, alugado como se fosse “O Exterminador do Futuro”, clássico do Arnold Schwarzenegger. De novo, grana perdida. Em outras oportunidades, nas palavras das mesmas garotas, “Blade Runner” virou um filme “tipo Tron” e “O Dragão e o Feiticeiro” um filme para crianças. Mas, na maioria dos casos, as lembranças das mocinhas de locadoras são boas, sendo que, inclusive, algumas delas se tornaram verdadeiras musas, pela simpatia e,

principalmente, pela beleza, como a Fatinha, da pioneira Videotec. Bons tempos...

Casa do tio no sábado e do Kenichi no domingo

A saga dos cinéfilos sem videocassete foi marcada por verdadeiras jornadas. Assistir a um filme na casa de alguém às vezes era um exercício de logística que dependia de variados meios de transporte: ônibus, bicicleta, bonde e, muito raramente, carro. Quando ficamos sabendo que o pai do amigo José Kenichi, que morava num sítio na zona rural da cidade, havia comprado um videocassete, incluímos sua casa em nossa peregrinação videográfica. Como as fitas eram alugadas às sextas-feiras e devolvidas somente nas segundas, procurávamos espremer ao máximo cada locação. Desta forma, íamos à casa do meu tio nas tardes de sábado e na casa do Kenichi aos domingos de manhã. Ou vice-versa. Quando, por qualquer razão, não dava para realizarmos nossas sessões vespertinas de sábado em Taubaté, aproveitávamos para fazer um programa duplo na casa do Kenichi: primeiro nadávamos no ribeirão e, após a diversão aquática, assistíamos ao filme, geralmente acompanhado por quitutes feitos pela mãe do nosso amigo, como a inesquecível coxinha de frango com massa de mandioca. Algumas vezes, problemas técnicos impediram a sessão, como a oportunidade em que o sensor de condensação do videocassete acendeu e ele travou, não ligando de jeito nenhum. Isso aconteceu porque o Kenichi guardava o aparelho dentro do guarda-roupa e, quando o tirou para um ambiente com temperatura diferente, ele acionou esse dispositivo de segurança. Nesse caso, pagamos o aluguel da fita sem termos assistido ao filme. Ainda bem que isso aconteceu apenas duas vezes.

A tempestade perfeita

As sessões de videocassete na casa do Kenichi iam de vento em popa, especialmente no verão, por causa dos banhos de ribeirão. Acontece que, nessa época, os temporais de final de tarde eram frequentes e, como utilizávamos o bondinho como meio de transporte, não podíamos perder o último, que passava no ponto às 19 horas. No sábado, dia 25 de abril de 1987, após termos assistido ao excelente “O Enigma da Pirâmide”, nos preparávamos para ir embora. Passava das 18h30 e já nos encaminhávamos para o ponto, quando um verdadeiro dilúvio desabou sobre nós. A estrada de terra se transformou num rio de água e barro. Só conseguíamos enxergar o caminho quando era iluminado por algum relâmpago. Chegamos ao ponto ensopados. Quando o bonde finalmente passou, ainda precisou ficar parado algum tempo devido à queda de energia. A escuridão total permitiu que admirássemos um impressionante espetáculo da natureza: uma tempestade de raios iluminava os céus. Retomada a energia, seguimos viagem observando as lindas e assustadoras descargas elétricas que, à distância, castigavam Pindamonhangaba.

Sessão corrida tripla!

A facilidade proporcionada pelo videocassete era algo maravilhoso. No conforto do seu lar você poderia assistir a quantos filmes quisesse, pausá-los para ir ao banheiro ou atender ao telefone, ou ainda parar a reprodução e continuar em outro horário ou noutro dia. Não ria caro leitor, porque naquela época não existia muitas das facilidades que você desfruta hoje em dia, como Internet, streaming e outras. Só que, para quem ainda não tinha um videocassete próprio, como era o nosso caso, alguns esforços se faziam necessários para conseguirmos assistir aos filmes, entre eles, andar de ônibus para todo canto. Como o videocassete não vinha até nós, era preciso ir até onde ele estava. Numa dessas ocasiões, o amigo César nos convidou para assistirmos a um filme na casa dele. Como ela fica um tanto afastada da cidade, eu, o Cabral, o Cláudio e o Ricardo Gsellmann, conhecido como “Molengão”, embarcamos num coletivo. A sessão começou logo que chegamos, com o clássico “Golpe de Mestre”, estrelado por Paul Newman e Robert Redford. Quando o filme acabou, o anfitrião perguntou se gostaríamos de assistir “Ladyhawke – O Feitiço de Águila”, de Richard Donner. As respostas variaram entre “claro!”, “opa!” e “com certeza!”. A bela aventura medieval estrelada por Rutger Hauer e Michelle Pfeiffer ainda desfilava pela tela, quando chegou o Flávio, irmão mais velho do César, que nós ainda não conhecíamos. O entrosamento foi imediato, porque ele também era um entusiasta da Sétima Arte. Ao término da sessão, e do lanche, foi a vez de o Flávio nos convidar para emendar mais um filme naquele dia. Uma sessão corrida tripla! Nós nunca havíamos assistido a três filmes num único dia. Nem mesmo na casa do meu tio ou na TV. O escolhido foi “Conan

- O Destruidor”, segunda aventura do personagem na pele de Arnold Schwarzenegger. Quando essa última exibição chegou ao fim, ainda ganhamos uma carona para casa, cortesia do novo amigo que havíamos feito. Aquele foi um dia perfeito. Três bons filmes, um lanche apetitoso e ainda carona para casa. Perto dele até a “Sessão Corrida” no Cine Palácio perdeu a graça.

O avô e o videocassete que estragava a TV

À medida que os videocassetes se popularizavam, mais e mais conhecidos adquiriam o equipamento. Menos os nossos pais. A mais nova proprietária de nosso sonho de consumo foi minha tia Rosângela. É claro que, imediatamente, seu aparelho entrou em nosso radar, principalmente devido ao fato dela morar com meus avós na mesma cidade que nós. Chega de gastarmos com passagem de ônibus. A sessão inaugural, realizada em 30 de julho de 1987, a convite dela, serviu para provar duas coisas: a primeira é que minha tia não entendia muito de cinema, pois alugara o obscuro e terrivelmente ruim “Alien Predators”, espertamente batizado pela locadora de “Alien, o Predador” (isso foi décadas antes de surgir a franquia Alien vs. Predador). A segunda é que meus avós viam com muita desconfiança aquela máquina ligada à sua televisão, antes dedicada somente ao futebol e ao Programa Silvio Santos. Meu avô, para variar, estava dormindo quando chegamos para assistir ao filme. Quando ele acordou, e viu a sala cheia, ficou espantado, mas nada se comparou à preocupação de que aquele aparelho poderia estragar a sua valiosa TV. Após minhas explicações técnicas, ele se acalmou um pouco, sem, no entanto, parecer muito convencido de que o videocassete era seguro. Foi a primeira e última sessão que fizemos na sala da casa dele. Devido à sua insistência sobre a questão, minha tia foi obrigada a comprar uma TV e instalar no seu quarto, que se tornou nosso próximo point videográfico. Lá pudemos assistir, pela primeira vez, ao magnífico “Amadeus” e rever produções como “Robocop”, “O Predador” e muitas outras.

A “pornografia” de O Nome da Rosa

Grande parte das pessoas já assistiu ou, pelo menos, ouviu falar do filme “O Nome da Rosa”, excelente suspense dirigido por Jean-Jacques Annaud e estrelado por Sean Connery e F. Murray Abraham. Baseado no Best-seller do escritor Umberto Eco, o filme tem 2h10 de muita tensão, mistério e reviravoltas, e apenas uma cena de sexo, bastante reveladora por sinal, que deve durar no máximo dois minutos. Pois bem, como eu ainda não tinha videocassete, naquele dia 18 de agosto de 1987, estava assistindo a esse filme no aparelho da minha tia, que ainda morava na casa de meus avós. Contrariando todas as probabilidades e reforçando a Lei de Murphy, em um filme com 130 minutos de duração, minha avó, a mesma que não me deixava ver a Sala Especial da Rede Record, entra no quarto exatamente naqueles dois minutos constrangedores. Nem perdi meu tempo tentando explicar que não se tratava de um filme pornô...

A saga de Taras Pindenses

Não pensem vocês que, por se tratar de uma cidade do interior, Pindamonhangaba não possuía um submundo à la “Veludo Azul” e “Twin Peaks”. O advento do videocassete e, em seguida, das câmeras que gravavam fitas de vídeo, fez com que alguns moradores decidissem filmar suas estripulias na cama. E, mesmo não existindo Internet, essas gravações picantes caíram no conhecimento do público e suas cópias circularam por vários lares da cidade. O ator (sempre o mesmo) recebia em sua cama garotas que estávamos acostumados a ver na escola, nos barzinhos e clubes da cidade. Era óbvio que precisávamos colocar as mãos nessa preciosidade. Quando o Cabral disse que um amigo estava com tal objeto do desejo, elaboramos toda uma estratégia, não apenas para assistir, mas também para copiar a safadeza toda. Para isso acionamos o César, nosso amigo fazendeiro, que tinha nada menos que DOIS videocassetes. Ele foi o responsável pela parte técnica da empreitada. Ligou o vídeo que exibiria a fita à TV na sala principal e puxou cabos escondidos até o cômodo ao lado, onde estava o outro aparelho, que faria a cópia. Tudo funcionou como um relógio. Assistimos ao filme inteiro, voltamos às melhores partes e conseguimos a cópia, batizada posteriormente de “Taras Pindenses”. O que não contávamos é que, durante a exibição da sacanagem, a mãe do César passasse pela sala diversas vezes. Em cada um desses passeios inesperados, ele apertava a tecla VCR/TV do aparelho, que alternava da imagem exibida pelo vídeo para a do canal da TV, geralmente fora do ar. Ao final de todo o processo de cópia, ela voltou para nos servir um lanche. Naquele momento perguntou ao Cabral qual filme estávamos assistindo. Ele, sem pestanejar, ou me dar

tempo para pensar numa resposta, se voltou para mim e perguntou: — “Qual era mesmo, Julio?”. O único som ouvido depois disso foi o zumbido das abelhas no jardim.

A avó do Henrique

Ainda na seara do universo da sacanagem videográfica e de seus invariáveis constrangimentos, nos reuníamos na casa do Henrique, outro colega de classe que também possuía videocassete. Só que, ao contrário das sessões na casa do meu tio, do Kenichi e da minha tia, os filmes exibidos lá eram predominantemente pornográficos. E novamente a Lei de Murphy se fez presente numa dessas sessões, quando um casal estava no auge de sua animada performance e a avó do Henrique entrou na sala. Ao contrário do que todos esperavam, ele não apertou o stop e nem a tecla VCR/TV. Simplesmente deixou rolando a sacanagem e ainda chamou a idosa para olhar. Nós não sabíamos onde enfiar a cara. A simpática senhora virou e disse para o neto: — “Pior que isso foi aquele filme de Roma que você colocou para eu assistir”. O Henrique tinha alugado “Calígula” para a pobre velhinha ver. Depois dessa informação, embora envergonhados, ninguém mais se importou com a presença dela na sala.

Finalmente, os nossos videocassetes!

E eis que, depois de muitas viagens, aventuras e estratégias para assistir filmes nas casas alheias, começaram a chegar aos lares de alguns integrantes da turma os primeiros videocassetes. Quem teve a primazia de ser abençoado com o equipamento foi o Cláudio. Seu pai comprou um player CCE, que apenas reproduzia filmes, não gravava fitas. E o aparelhinho foi usado à exaustão, até começar a mastigar as fitas que eram inseridas nele. Em seguida, novamente o Cláudio teve seu segundo aparelho, dessa vez um modelo da Sharp, que gravava e reproduzia. Ele foi amplamente utilizado por todos nós. Então chegou, finalmente, a minha vez de ter um videocassete em casa. Minha mãe vendeu algumas joias e comprou, do dono de uma locadora de Taubaté, que trazia muamba do Paraguai, um Panasonic G21, com Quatro Cabeças! Para os leigos, os videocassetes de quatro cabeças eram, guardadas as devidas proporções, o equivalente a um Full HD de hoje em dia. Na verdade, as duas cabeças extras (no início eram aparelhos com apenas duas) apresentavam melhoria na imagem principalmente para gravações e reproduções nas velocidades reduzidas LP e SLP (ou EP), quando se pausava os filmes ou se utilizava a função quadro-a-quadro. Esse G21 fez minha alegria durante muitos anos, assistindo e copiando fitas. Com ele teve início uma nova era: a de colecionar filmes.

Os videocassetes não eram só nossos...

Depois de anos andando para cima e para baixo, a pé, de bicicleta, ônibus, carro e bonde, para assistir filmes nos videocassetes alheios, finalmente conseguimos ter o equipamento em casa. Mas... ledo engano o nosso de achar que os players seriam exclusivos para nós. Tínhamos que compartilhar seu uso com o restante da família. Pode até parecer egoísmo, mas o fato é que nos esforçamos tanto para assistir aos filmes na casa de outras pessoas, que, em nosso território, gostaríamos de tê-los só para nós, para fazermos uma sessão corrida que durasse o dia todo. Então, pessoas que, aparentemente, não ligavam muito para assistir filmes, de repente também passaram a querer utilizar os aparelhos. Em casa dividi o G21 com minhas duas irmãs gêmeas, que levavam seus namorados e um monte de filmes para casa. Havia finais de semana em que, na estante, estavam nada menos que 15 fitas, alugadas por elas, por eles e por mim. Mesmo assim, nunca aconteceram disputas acaloradas ou brigas. Tudo foi administrado na boa. Com o tempo, o videocassete foi perdendo o sabor de novidade para elas e acabou ficando mesmo comigo, o cinéfilo da casa. O Cláudio enfrentou um problema ligeiramente parecido, mas com um agravante: o usuário extra do videocassete nem morava em sua casa. Era um primo do Mato Grosso que sempre vinha passar férias na casa da tia. O pior de tudo é que o camarada só alugava filmes pornô e os assistia a qualquer hora do dia, sem se preocupar com quaisquer pessoas que passassem pela sala, nem mesmo os pais do Cláudio. Nesse caso aconteceram algumas discussões, mas prevaleceu o bom senso e o

comando do pai do Cláudio, que colocou moral nessa história. Novamente, com o tempo, esse videocassete também acabou ficando aos cuidados daquele a quem de direito pertencia, ou seja, o cinéfilo do pedaço.

O videocassete estéreo Hi-Fi do Valmir

Nós mal havíamos tido a oportunidade de curtir plenamente nossos próprios videocassetes, quando conhecemos o amigo Valmir (a história do nosso encontro será contada mais adiante), possuidor do excelente videocassete Panasonic F70, que proporcionava um espetacular som estéreo Hi-Fi ao ser conectado a um aparelho de som. Quando assistimos a um filme com essa tecnologia pela primeira vez, descobrimos o que realmente significava ter uma verdadeira sessão de cinema em casa. Nem mesmo o Cine Palácio possuía um som como aquele. O vídeo estéreo passou a ser o nosso próximo objeto de desejo. Vários anos depois, eu comprei dois modelos com a tecnologia, um Sharp e um JVC.

A mulher que derrete

Nosso amor pelo cinema era tão grande, que, a partir de um determinado momento, não nos satisfazíamos apenas em assistir ou colecionar filmes e outros artigos. Queríamos criar as nossas próprias produções. E, nesse ponto da história, contamos com a decisiva participação do amigo César, o único entre nós com condições de ter não apenas um, mas dois videocassetes, e, para a maravilha de todos, uma câmera de vídeo. Ela era daqueles primeiros modelos, nos quais a fita era inserida num videocassete portátil, conectado à câmera, e que ficava pendurado no ombro do cinegrafista por uma alça de couro. Num bate papo informal, perguntei a ele se seria possível simular, com a câmera de vídeo, o stop-motion, a clássica animação quadro-a-quadro imortalizada nas telas pelo mestre Ray Harryhausen nos filmes do “Simbad” e em “Fúria de Titãs”. César disse que poderíamos tentar. Conversei então com o Marcelo, o escultor do grupo, que se entusiasmou e começou a trabalhar na ideia. Decidimos fazer uma pessoa derretendo diante das câmeras, tal qual os vilões de “Os Caçadores da Arca Perdida”. Ele criou, em argila, o busto de uma caveira humana. Em seguida o recobriu com massinha de modelar devidamente pintada com tinta cor de pele, até ficar com a aparência de uma pessoa (ou o mais próximo possível disso). Chegou então o grande dia da “filmagem”, no qual passamos toda uma tarde na fazenda do César para fazer aquela mulher derreter. Ele acionava a câmera por alguns segundos. Parava. Retornava alguns frames e pausava. Então, eu e o Marcelo fazíamos uma pequena alteração no rosto de nossa boneca. César repetia o processo. Em seguida, nós repetíamos a nossa parte. Essas etapas foram se alternando até que restasse apenas o

esqueleto recoberto com a tinta vermelha que usamos como sangue. Um pouco de álcool sobre a caveira e um fósforo finalizaram o filme com uma bela chama azulada. A nossa versão do stop-motion deu certo. O resultado ficou tão bom aos nossos olhos que o Cláudio decidiu colocar a trilha sonora. Sua escolha recaiu sobre a música “The Emperor”, que seu compositor favorito, John Williams, criou para a trilha sonora de “O Retorno de Jedi”. E ela caiu como uma luva em nosso curta-metragem. Nascia então “Melting Woman” (Mulher Derretendo), uma pequena experiência que daria à luz algo ainda mais ambicioso, criativo e divertido: a MBC.

O Jornal do Killers e a Rádio Urucubaca

Como o Dr. Emmett Brown afirmou no final do filme "De Volta para o Futuro 3", "uma mente criativa não para nunca". E assim acontecia conosco. A necessidade de acumular informação e de materializá-la de alguma forma era tamanha, que criamos nossos próprios veículos de comunicação. Aproveitando o nome de nossa banda cover de Rock, que acabou também batizando a turma, lançamos o Jornal do Killers. Idealizado, diagramado e editado pelo Cláudio, o periódico trazia notícias sobre o grupo (empreendimentos, fatos pessoais, etc), e também abria espaço para que pudéssemos expor nossas opiniões por meio de críticas de filmes, trilhas sonoras, discos de rock, quadrinhos, livros, enfim, toda Cultura Pop que consumíamos. O veículo promovia enquetes sobre filmes e afins, realizava festivais de arte com os desenhos dos integrantes do grupo (o Waldecir, exímio desenhista, sempre ganhava as competições) e premiações, entre outras atividades. O Jornal do Killers teve cem edições e pavimentou as carreiras de alguns de nós, que enveredaram pelos caminhos do jornalismo e da escrita. Nesse meio tempo surgiu também a Rádio Urucubaca, que, grosso modo, era uma versão radiofônica de TV Pirata, Armação Ilimitada e outros programas do gênero. O termo radiofônica, aqui, é um exagero, já que as sete edições da Urucubaca nunca foram veiculadas ou sequer chegaram perto de qualquer emissora de rádio. Tudo era gravado, editado e veiculado em fitas-cassete, e o conteúdo apreciado pelo próprio grupo em suas tardes de ócio criativo. Nas fitas tínhamos propagandas de empresas

fictícias, como a “Desarranhadora do Léo”, especializada em remover riscos de LPs. A empresa, aliás, era um conglomerado que também desengordurava CDs e desenrolava as fitas-cassete. A programação contava ainda com versões de filmes interpretadas por nós mesmos. O clássico “Conan, o Bárbaro” foi uma dessas vítimas. Com as novelas de nossa autoria a Rádio Urucubada atingiu o seu ápice em matéria de diversão. Surgiram mega hits como o policial “Leon Mangust e Besteiro” (nossa versão para Stallone Cobra), “Passagem para a Índia” (que narrava o drama de uma indígena tentando comprar uma passagem de ônibus) e “Guerra das Ciências”, na qual contamos com a participação especial do amigo Ricardo Molengão. Antes destas sete edições oficiais, que foram produzidas entre 1988 e 1991, com planejamento, elaboração de roteiro, escolha de trilhas musicais e utilização de efeitos sonoros, fizemos uma edição experimental em 1983. E na programação havia uma impagável versão de “Fúria de Titãs” em inglês, além de um programa policial imitando o saudoso radialista Gil Gomes, no qual apresentamos o drama “Juarez, o homem que não gostava de bolo”. Como tudo que criamos, a Urucubaca teve o seu tempo, deixou saudades e, de certa forma, nos preparou para produzirmos o “Trilha Quente”, programa de trilhas sonoras na Rádio 94 FM, de Pindamonhangaba (leia a respeito no próximo capítulo).

Trilha Quente

Em meio à empolgação com o resultado positivo de “Melting Woman” surgiu para a turma outra oportunidade de externar o seu amor pelo cinema: a produção e veiculação de um programa de rádio com trilhas sonoras de filmes. Batizado de “Trilha Quente”, foi o primeiro e, até o presente momento (fevereiro de 2022), o único programa do gênero no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. As portas da rádio 94 FM foram abertas pelo Cabral que, como roqueiro da turma, apresentava o programa “Metal Express”, todo domingo, das 19 às 20 horas. O horário seguinte, das 20 às 21 horas, era vago, sem programação. Ele trouxe essa informação até nós e rapidamente idealizamos o projeto. Matéria-prima não era problema, já que eu, Cláudio, Marcelo e Fábio tínhamos vastas coleções de LPs com músicas de filmes. Sim, naquela época ainda não havia MP3. As rádios ainda funcionavam com os bolachões e com cartuchos pré-gravados. O programa começou muito bem formatado, com músicas de películas variadas e, no último bloco, o especial de um compositor escolhido por nós. Ao longo da semana fazíamos a escolha e minutagem das músicas, escrevíamos os textos inseridos entre um bloco e outro, sempre trazendo novidades no mercado das trilhas sonoras, e selecionávamos o homenageado da semana. Aos domingos nos revezávamos na veiculação, que tinha o Cabral como apresentador. A qualidade do programa agradou a diretoria da rádio que prometeu recursos financeiros para os criadores, por meio da venda de anúncios. O que nunca ocorreu. A essa insatisfação se somou a falta de tempo, devido à vida profissional de cada um, namoros e outros interesses, como o curso de Linguagem Videográfica (confira no próximo

capítulo). O “Trilha Quente” esfriou aos poucos até que foi por nós cancelado. Dos bons frutos proporcionados por ele, o maior de todos foi agregar ao grupo a amizade do Valmir, que chegou até nós após ouvir uma edição do programa e constatar que era feito por pessoas que entendiam do assunto. Hoje podemos afirmar, com toda a certeza, que o “Trilha Quente” existiu para que conhecêssemos esse nosso novo amigo, que é uma verdadeira enciclopédia cinematográfica e um grande colecionador. Aqui vai uma curiosidade, que ressalta a qualidade da trilha sonora de “Conan, o Bárbaro”, aquela mesma que primeiro gravamos da TV, depois peregrinamos por centenas de lojas à sua procura, até a encontrarmos num shopping de Belo Horizonte. Pois bem, durante as cinco ou seis edições do programa sempre incentivamos os ouvintes a ligarem para a rádio e pedirem músicas de seus filmes favoritos. No entanto, a única vez que o telefone tocou foi durante a execução do tema principal de “Conan, o Bárbaro”, a poderosa “Anvil of Crom”. Nesse dia, choveram ligações querendo saber que música sensacional era aquela...

O curso Linguagem Videográfica

Ainda envolvidos com a produção e veiculação do programa Trilha Quente, tomamos conhecimento do curso “Linguagem Videográfica”, que teria professores vindos da capital, e seria oferecido gratuitamente pela Prefeitura de Pindamonhangaba. A única exigência era que cada equipe tivesse uma câmera própria. Como o César não teria disponibilidade para participar, escarafunchamos nossas amizades até que chegamos ao Henrique Carvalho, que possuía uma moderna camcorder, aquele modelo no qual a fita é inserida na própria câmera, dispensando o videocassete portátil. Ele utilizava o equipamento na gravação de casamentos e festas. Pronto, a equipe estava montada: eu, Cláudio, Marcelo e Henrique. O curso foi bastante proveitoso e aprendemos muita coisa que seria de suma importância para o nosso próximo projeto, que caminhava também em paralelo com tudo isso. Nosso amor pelo cinema e vasta bagagem de imagens, ângulos, tomadas e truques, vistos em centenas de filmes, fez com que nos destacássemos no curso, que terminou com um vídeo feito por cada equipe. O nosso foi “Odisseia Secular”, escrito e dirigido pelo Cláudio, que conta a trajetória centenária do Jornal Tribuna do Norte, de nossa cidade. Eu ajudei ainda outro grupo a fazer o seu vídeo, que era sobre a estátua de um homem das cavernas, existente na praça central de Pindamonhangaba, que criava vida. No curso produzimos também o curta “O Atropelamento”, um pequeno exercício de linguagem videográfica, escrito e interpretado de forma brilhante pelo Marcelo. A produção desse vídeo guarda uma história peculiar, que retrata o quão valioso era um equipamento de vídeo naqueles tempos. Para fazer o curta, o Henrique preferiu entregar as

chaves de seu carro para que o professor do curso dirigisse, do que deixá-lo gravar o atropelamento com sua câmera moderníssima. Apenas uma questão de prioridades. Uma vez diplomados, tínhamos agora a disposição, o amor ao cinema, uma câmera na mão e muitas ideias na cabeça. Era chegada a hora de a Magic Box Criações estrear em grande estilo.

O Empire State e a explosão da Challenger

O ano era 1986, quando eu e o Cabral, a convite do Fábio, nos reunimos em sua casa para dar início à nossa primeira obra de engenharia civil: a construção de uma réplica do Empire State Building, um dos edifícios mais icônicos de Nova Iorque, e de onde o King Kong do filme de 1933 havia despencado após ter sido morto pelos aviões. Ou teria sido pela bela loura que roubou seu coração? As tardes passavam rápido à medida que o projeto arquitetônico ganhava forma. O material foi o mesmo que havíamos usado na confecção do submarino CMCJ, da nave do E.T. e do canhão do grupo Killers: o clássico, barato e versátil papelão. Desta vez a caixa utilizada não foi de geladeira, mas sim de uma enceradeira. Nosso preciosismo na atenção com os mínimos detalhes fez com que os prazos da obra atrasassem bastante. Brincadeiras à parte, sentíamos um orgulho imenso de ver aquele prédio clássico surgindo diante de nós e, melhor ainda, feito por nossas próprias mãos. Um dia, no entanto, esse prazer deu lugar ao choque. Era uma terça-feira, 28 de janeiro, quando, logo após chegarmos para mais uma tarde de empreitada, a mãe do Fábio, assustada, nos chamou para avisar que o ônibus espacial Challenger havia explodido 73 segundos após a decolagem, matando todos os tripulantes. A notícia nos chocou porque também tínhamos grande interesse por tudo relacionado à exploração espacial, afinal, éramos fãs de “Star Wars” e “Jornada nas Estrelas”. A imagem da explosão formando aquela gigantesca letra ípsilon, ficou gravada em nossas mentes durante todo o tempo que levamos para erguer o edifício. E reverbera até os dias de hoje... A

propósito, a maquete do Empire State foi integrada à da cidade fictícia de “Farewell”, vídeo da MBC, nossa companhia cinematográfica que estava nascendo (confira no próximo capítulo).

A MBC

O êxito do curta “Melting Woman” descortinou um novo horizonte para a turma poder fazer cinema, de um jeito muito peculiar, diga-se de passagem, mas, ainda assim, cinema. Batizamos nossa produtora de MBC – Magic Box Criações (sim, os nomes em inglês tinham muito apelo entre nós). A prova de que era possível fazer animação quadro-a-quadro usando uma câmera de vídeo fez com que déssemos um passo mais ousado: recriar a famosa batalha do planeta gelado de Hoth, vista em “O Império Contra-Ataca”. Marcelo, nosso desenhista de produção, se encarregou de criar as miniaturas, todas feitas em cartolina. Ele modelou também, em argila, um Tauntaun, a montaria usada por Luke Skywalker no filme. O cenário foi armado, coberto com gesso, para imitar neve, e tendo uma pintura ao fundo. Então, a batalha teve início. O resultado foi francamente decepcionante para todos, principalmente depois de colocada a trilha sonora. Utilizamos a música que John Williams compôs especificamente para essa sequência. Nada combinou. Embora tenha alguns momentos bem feitos, o curta não tinha ritmo e nem a agilidade que a trilha sonora exigia. Sem mencionar que era um trabalho muito demorado e que rendia poucos minutos de vídeo. Isso colocou, pelo menos por hora, um ponto final em nossa pretensão de fazer outros curtas de animação. Era hora de criar roteiros com pessoas. E assim nasceu “Farewell” (Despedida), que eu roteirizei ao lado do Marcelo. A história mostrava o triste rompimento de um casal, cuja separação destrói sonhos, planos e termina de forma trágica. Novamente a forma se sobrepôs ao conteúdo, uma vez que o fiapo de história ficou frio e não passava de uma colagem de referências cinematográficas que iam de “Metropolis”,

passando por “Os Intocáveis”, até “Blade Runner”. O curta foi estrelado pelo Cláudio e por Elizabeth Gonçalves, então amor platônico do Marcelo. Chegamos, de novo, a outra encruzilhada. Mas, de forma alguma desanimamos. Conhecendo algumas técnicas mais apuradas, trazidas pelo curso de linguagem videográfica, partimos para outra empreitada com atores. Veio então o terror cômico “Dispensou a Camisinha e conheceu o Inferno”, cujo título emula as manchetes sensacionalistas do antigo jornal Notícias Populares, o famoso “espreme que sai sangue”. Um jovem (interpretado por Gilberto Forastiero) se arruma para uma balada. Enquanto toma banho e troca de roupas, tem visões da morte rondando seus passos. Esse que vos escreve fez o papel da criatura encapuzada armada com uma foice. Como o rapaz não dá bola para os sinais e, antes de sair, resolve descartar o preservativo que tinha na carteira, ele simplesmente começa a se deteriorar diante da câmera, num extenso trabalho de maquiagem do Marcelo e do Fábio. Com referências de “Horror de Drácula”, clássico estrelado por Christopher Lee, “A Mosca”, dirigido por David Cronenberg, e “Psicose”, do mestre Alfred Hitchcock, “Dispensou a Camisinha...” foi nossa forma de externar uma apreensão que tomava conta do mundo inteiro na época, a então misteriosa e mortal AIDS. Claro que, com o nosso background de filmes de terror, o fizemos de forma exagerada e um tanto trash. O resultado foi bastante satisfatório e renovou nosso ânimo. A produção seguinte mudou radicalmente de tom. Intitulada “Dreamquest” (Busca dos Sonhos), retrata a vida de uma jovem mulher que, mergulhada num casamento infeliz ao lado de um marido rude, sonha transformar seus caminhos. Para isso, ela decide encarar uma mudança radical. Ouso dizer que foi um dos melhores curtas que fizemos. O roteiro ficou redondo, os atores, encabeçados por Luciana Felipe e Gilberto Forastiero (vindos do teatro) conferiram legitimidade à trama, que exala lirismo em belas imagens. A

fotografia caprichada contribuiu para exaltar o clima de sonho, que trouxe, até mesmo, uma pitada de erotismo. O curta termina com a moça seguindo o seu caminho em direção ao sonho, concretizado na imagem simbólica da icônica ponte Golden Gate, de São Francisco, nos EUA. É claro que nunca tivemos grana para ir até os States gravar a ponte verdadeira, por isso apelamos para uma miniatura de tamanho considerável. “Dreamquest” marcou definitivamente o fim do período de amadorismo da câmera na mão e ideia na cabeça. E essa mudança atende pelo nome de Valmir, que chegou à turma bem a tempo de gravarmos a complicada sequência da ponte. A coisa funcionou tão bem que até nuvens foram adicionadas à imagem, e tudo feito ali mesmo, diante da câmera (eu usei esse mesmo efeito especial no vídeo do meu TCC, que foi sobre a cidade mineira de Ouro Preto). Isso nos deu entusiasmo e confiança suficientes para partirmos para a nossa mais ambiciosa produção: “Pegasus”, uma ficção científica repleta de efeitos especiais com miniaturas, fogo, fumaça e muito mais. O vídeo inaugurou também a edição de efeitos sonoros nos filmes do grupo, que até então eram como videoclipes, somente com trilha musical. Nele, a nossa versão loira de Sigourney Weaver (interpretada por Sílvia Franz, uma bela jogadora de basquete com mais de 1,80 m de altura), pilota a nave de salvamento Pégasus, num turbulento planeta repleto de atividades sísmicas e vulcânicas. Sua missão é resgatar o parceiro, preso numa cápsula que pende perigosamente na borda de uma cratera. Toda a ação é monitorada por uma estação espacial que orbita o planeta Hades. Para mim, esse foi um dos vídeos mais divertidos de se fazer e também um de nossos maiores sucessos de público. A pós-produção se estendeu por meses, sempre aos finais de semana, já que a maioria dos integrantes da turma trabalhava de segunda à sexta-feira. Criamos complicadas tomadas com miniaturas, utilizando espelho, perspectiva forçada e uma série de outros truques.

Guardadas (todas) as devidas proporções, “Pégasus” foi o nosso “Avatar”. Com o tempo do pessoal ficando escasso devido às obrigações da vida, a MBC produziu mais alguns poucos trabalhos videográficos, dentre eles vídeos educativos para os funcionários da fábrica Alcoa. Nosso primeiro trabalho remunerado na área. Nós só não poderíamos imaginar que o dinheiro recebido da empresa nunca viria a ser usado para abastecer nossas coleções (saiba mais nos próximos capítulos). Em paralelo, desenvolvemos dois curtas, que jamais foram terminados. Nós verificamos que, a exemplo de “Farewell”, eles tinham mais forma do que conteúdo. Seus títulos eram “Passado Mortal”, uma história de viagem no tempo e crime, e “Sonhos de Outono”, um trabalho tão autoral do Marcelo, que até hoje não sabemos direito sobre o que tratava sua história. Depois disso, produzimos nossos dois últimos filmes: “Neuroses Urbanas” e “O Ataque do Cormansauo”. E podemos dizer que, com eles, encerramos em alto nível nosso ciclo de produções em vídeo. “Neuroses Urbanas” é um filme dividido em três episódios, que alterna humor, suspense e violência. O primeiro capítulo, que foca apenas nos pés dos personagens, mostra os obstáculos enfrentados por um rapaz que precisa urgentemente chegar em casa. O final é desconcertante. Dessa vez, a trilha sonora utilizada, “The Strength of the Righteous”, tema principal de “Os Intocáveis”, composto por Ennio Morricone, se encaixou com perfeição. A segunda história, bastante climática, mas pouco envolvente, é sobre um serial killer e suas vítimas. Seu diferencial foi o de ser o primeiro vídeo do grupo a ter uma trilha sonora composta especialmente para ele, cortesia do amigo Adriano Ribas e seu teclado. O último desses três episódios, intitulado “A Hora do Lanche”, foi um de nossos maiores sucessos de todos os tempos. Ele mostra um gordinho guloso (interpretado por Dedé Assis) que, num ataque incontrollável de fome, e não satisfeito por ter comido tudo o que encontrou na geladeira de casa, resolve

devorar a si próprio. Tudo isso ao som de “Day-o”, da trilha de “Os Fantasma se Divertem”. Uma vez mais os efeitos especiais dominaram o cenário, ao recriarmos, numa plataforma de madeira, elevada cerca de meio metro do chão, todo o piso da cozinha da casa do Marcelo. Dessa forma pudemos mostrar o corpo do rapaz pela metade, com todos os órgãos internos expostos. Um prodígio da maquiagem em argila, feita pelo Marcelo, misturada com balões cheios de líquidos, tinta e muito catchup para imitar o sangue. Em seguida veio a derradeira produção da MBC, “O Ataque do Cormansauo”, filme de monstro que, como o título já entrega, homenageia o estilo cômico e trash do cineasta Roger Corman, o rei das películas de baixo orçamento. Editado em preto e branco, o curta mostra um casal, interpretado por Elizabeth e Gilberto, tendo seu piquenique arruinado por uma estranha e ameaçadora criatura. O destaque ficou para a fantasia do monstro, feita sob medida para o Marcelo, pela dona Alzira, mãe do Cabral, que é uma excelente costureira. Esses filmes foram o ápice do humor ácido em nossas produções e também o ponto final dessa criativa, divertida e muito produtiva fase de nossas vidas. A MBC moldou em cada um de nós a inclinação artística que hoje possuímos e nos ajudou a trilhar esse caminho no futuro. Uma equipe formada por futuros escritores, poetas, desenhistas, designers, escultores, pintores e cenografistas. E pensar que tudo isso começou com uma boneca tosca, feita de barro e massinha de modelar, que “derretia” defronte à câmera...

A última sessão de cinema

Num dia qualquer, do qual nenhum de nós se lembra especificamente, nossa turma de amigos se reuniu completa, pela última vez, diante de uma tela. E ninguém se deu conta disso. O tempo passou, as tecnologias surgiram para facilitar, e muito, a vida daqueles bravos cinéfilos dos anos 80. As fotos de filmes podem agora ser facilmente encontradas na Internet. Era o fim daquela história de ficar com as mãos pretas de poeira dos sebos por aí. Os LPs foram aposentados pelo CD, que, por sua vez, deu lugar aos arquivos digitais de MP3 e outros formatos. O DVD ocupou o lugar do videocassete e até chegou a ser ameaçado pelo Blu-ray, seu irmão de alta definição. E foi então que surgiu o streaming, para abalar de uma vez por todas a forma de assistir aos filmes. Os amigos, por sua vez, seguiram com suas vidas. Estudaram, se casaram e trabalharam muito. Cada um em sua área. A única coisa que permaneceu constante foi sua amizade e o amor de todos pela Sétima Arte, que começou muito antes dos badalados, criativos e difíceis anos 80.

“Eu precisando e o cara perde...”

Caro leitor, vou agora pressionar a tecla FF dessas memórias, para sairmos um pouco da década de 80 e avançarmos alguns anos no tempo. O dia era 08 de setembro de 1992, uma terça-feira, feriado municipal da padroeira de Pindamonhangaba. Naquela tarde, eu e o Cabral estávamos assistindo ao filme “Quero ser Grande”, no meu videocassete. Nessa época eu já havia voltado a morar com meus avós, onde fiquei até me casar. Ao final da sessão ele me disse que não vinha se sentindo muito bem nos últimos dias e que sua barriga estava endurecida do lado esquerdo. Eu recomendei que ele fosse ao médico, pois poderia ser uma infecção ou algo do gênero. Lembrando hoje, em perspectiva, fica claro como o otimismo adolescente simplesmente afasta de nossas mentes todas as piores opções. Mas a realidade não tardaria a trombar conosco numa das esquinas da vida. Dois dias depois o Cabral estava internado para exames, pois havia algo de muito grave acontecendo com seu organismo. Fomos visitá-lo no hospital, uma semana depois. Ele parecia ter perdido uns dez quilos. Todos nós ficamos chocados com a visão. O resultado dos exames, contudo, ainda não havia saído. Ou não foi revelado para nós. Mas a verdade não demorou a chegar: nosso amigo Cabral, um irmão por afinidade, estava com câncer. Segundo relatos, a doença teria começado no fígado, mas já havia se espalhado por vários outros órgãos. O caso era tão grave que, segundo sua esposa, Denise (o Cabral havia se casado em 1990, ano em que nasceu seu filho Andreas. Eu tive a honra de ter sido seu padrinho de casamento), na tentativa de uma cirurgia, os médicos abriram seu abdômen e o fecharam em seguida, sem nada poderem fazer. Ele iria iniciar a quimioterapia já em estado

terminal. Confesso que o baque de se receber uma notícia como essa não pode ser comparado a nada. Nossa primeira reação foi entregar ao Cabral todo o lucro que tivemos na produção dos vídeos educativos para a Alcoa. Naquele momento as coleções sequer passaram por nossas cabeças. O fato é, que, depois de um período inicial de terrível piora da situação, com o tratamento ele começou a dar sinais de franca melhora. GANHOU peso, disposição e, o melhor, passou a sair de casa, passear de bicicleta e visitar os amigos. É claro que sessões de filmes também faziam parte do seu cardápio. Me lembro de uma delas com especial emoção. Estávamos nós dois, novamente em casa, assistindo a um filme no videocassete. O título da vez era “O Curandeiro da Selva”, no qual Sean Connery, embrenhado na floresta Amazônica, descobre a cura do câncer e, logo em seguida, perde suas importantes anotações. Nessa hora, o Cabral, com seu humor muito peculiar, solta uma frase que ficou grudada em minha mente desde então: — “Eu precisando dessa cura e o cara perde...”. Sua boa fase continuou por muitos meses. Nesse período ele foi conosco ao cinema do Taubaté Shopping, quando assistimos à obra-prima “Drácula de Bram Stoker”, de Francis Ford Coppola. Os tempos de andar de ônibus ficaram para trás. Meu pai havia comprado um carro. Eu ainda não era habilitado, mas meu cunhado, Ricardo Monteiro, já tinha a sua carteira e nos acompanhava. Na estrada de volta rimos muito com o Cabral, que ficava imitando o som dos carros que passavam por nós. Falando assim parece uma bobeira sem tamanho, mas, naquele dia e naquela hora, foi muito divertido. Eis que, então, sua saúde começou a declinar, agravada pela falta de medicamentos de quimioterapia no hospital onde se tratava, em Taubaté. A impressão que tivemos é de que sua vida havia sido rebobinada, tal qual fazíamos com as fitas VHS, até os momentos mais sérios da doença. Mas o pior ainda estava por vir. A contínua decadência física fez com

que o Cabral ficasse cada vez mais recluso. Com o tempo, ele não aceitava mais receber a visita de nenhum dos seus amigos, com exceção deste que escreve essas linhas. E eu o visitava sempre que podia, duas ou mais vezes por semana. A cada visita encontrava meu amigo numa situação pior. O ano era 1994, e eu estava cursando o segundo ano de Comunicação Social na Universidade de Taubaté, quando surgiu uma excursão para a cidade histórica de Ouro Preto, em Minas Gerais. Ela aconteceria no feriado de Corpus Christi daquele ano. Sairíamos no dia 01 de junho, quarta-feira à noite, véspera do dia santo, e voltaríamos no domingo seguinte. Decidi, então, visitar o Cabral um final de semana antes da viagem. A visão que tive foi terrível. Sua barriga estava enorme, parecia a de uma gestante no nono mês de gravidez. Me impressionou ver, nas laterais de seu abdômen, veias enormes, saltadas na pele, iguais àquelas vistas nos personagens do filme “Scanners, sua Mente pode Destruir”, de David Cronenberg. O Cabral estava inquieto, não ficava mais do que dois minutos na mesma posição. Hora estava sentado, hora se deitava e, com menos frequência, se colocava em pé. Isso porque, após quase dois anos de luta contra a doença, só naquele momento ele estava começando a sentir dores. As últimas palavras suas, de que me recordo, foram: — “Julio, eu não estou aguentando mais”. Ele, então, pediu licença e foi tomar banho, pois a água quente amenizava seu incômodo. Nesse momento, a Denise, uma menina tão nova quanto guerreira, que ficou ao lado do marido o tempo todo, me mostrou as radiografias que ele havia tirado. Não havia nada naquelas chapas, além de duas pequenas costelas de cada lado, aparecendo no topo da imagem, e uma enorme mancha branca que tomava praticamente toda a área do exame. Aquela era a face do inimigo que estava levando o grande amigo para longe do nosso alcance. Me despedi dele com a promessa de visitá-lo assim que voltasse de Ouro Preto. Aquela foi minha primeira viagem ao lado de minha então

namorada, Luciana, hoje minha esposa. Chegamos no domingo à noite e eu dormi em sua casa. Na manhã seguinte acordei com a Luciana avisando que minha mãe estava lá, querendo falar comigo. O Cabral havia partido para sempre na madrugada daquele dia 06 de junho de 1994. Perder um amigo é sempre uma experiência traumática, mas vê-lo partir aos poucos, sem que nada possamos fazer para ajudá-lo, é algo que nos marca profundamente. E, até hoje, essas lembranças voltam. E, como não poderia deixar de ser, sempre atreladas a filmes, especialmente aqueles que assistimos durante o período em que ele esteve doente. Dois foram especialmente marcantes, por uma determinada cena em cada um deles. Em “Filadélfia”, a sequência em que Tom Hanks é obrigado a abrir sua camisa no tribunal para mostrar as manchas deixadas pela AIDS em seu corpo. Até hoje nós enxergamos o Cabral fazendo aquilo, porque os movimentos e o corpo do ator emularam perfeitamente os do nosso amigo. Outra cena que nos marcou muito foi a da tomografia, em “Alien 3”, na qual Ripley, a personagem vivida por Sigourney Weaver, descobre existir um alienígena dentro de seu corpo. Um inimigo voraz, assim como aquele que crescia nas entranhas do Cabral. A isso ainda se soma o próprio visual da personagem, que teve sua cabeça raspada por causa de uma infestação de piolhos. Mesmo assim, por mais emocionais que essas cenas sejam para mim, o que nunca saiu de minha memória foi aquela frase, dita em uma sessão de vídeo agora perdida no tempo: — “Eu precisando dessa cura e o cara perde...”.

“A vida para de dar e começa a tirar...”

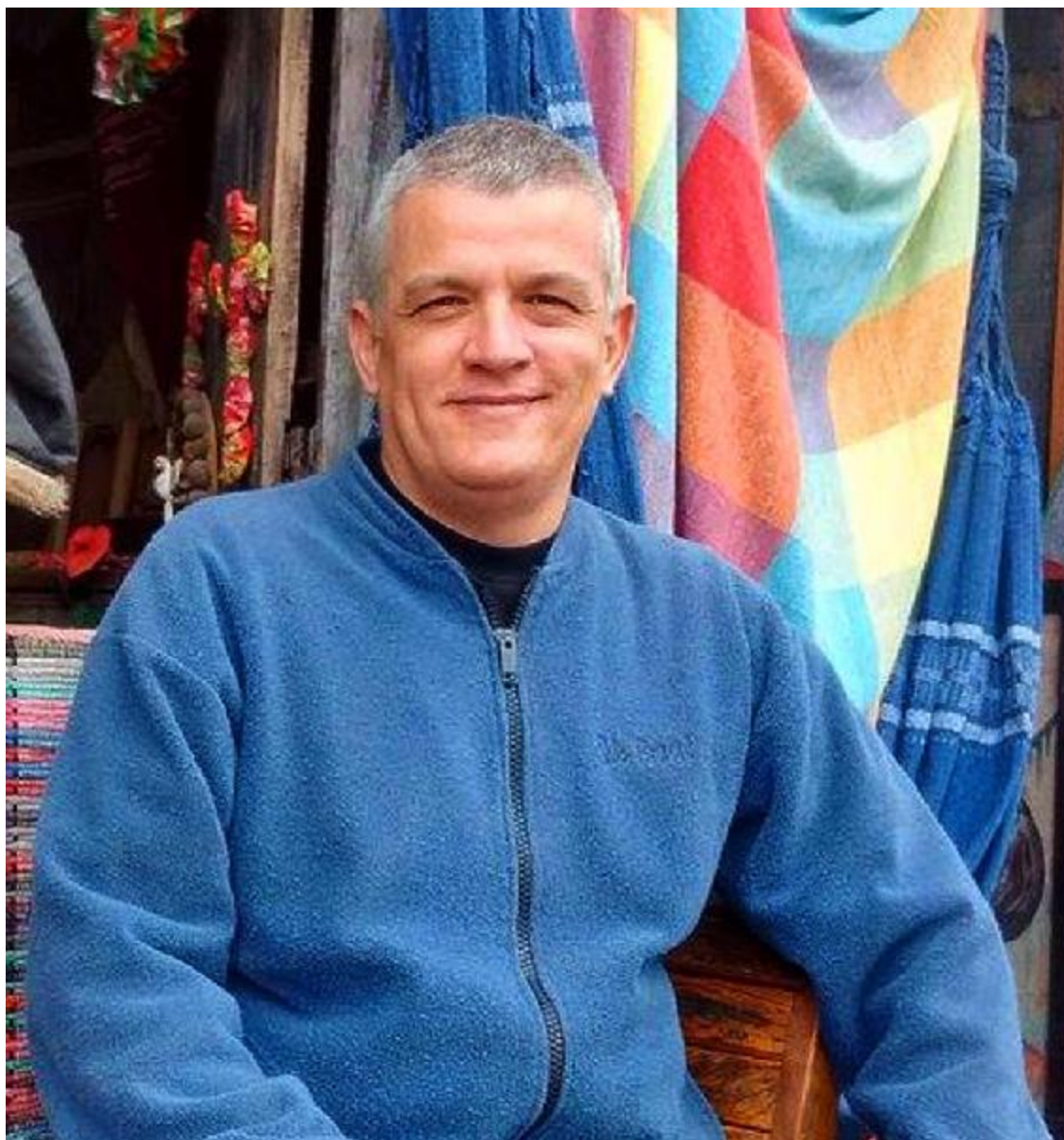
Daremos outro salto no tempo. Dessa vez para ainda mais longe dos anos 80. Estamos agora no difícil ano de 2020, quando o mundo todo foi colocado de joelhos por um terrível vírus que vitimava milhares de pessoas. Eis que, na segunda-feira, dia 31 de agosto, o Cláudio me ligou no celular, primeiro perguntando se eu estava em casa e, logo em seguida, dando a triste notícia de que nosso grande amigo Marcelo havia morrido naquela manhã, em São Paulo. Ele fora vítima de um infarto fulminante, aos 51 anos de idade. O maior artista do grupo morava na capital paulista havia muitos anos, onde era professor na USP e coordenador do Departamento de Artes Cênicas da universidade. Mais uma vez a realidade nos havia pegado de surpresa numa das esquinas da vida. E, dessa vez, de supetão. Nenhum de nós estava preparado para algo assim (e quem está?). Ver um amigo partindo aos poucos é terrível. Mas perder um assim, sem aviso, da noite para o dia, consegue ser tão duro quanto. Após sua mudança para São Paulo, e devido à correria do dia a dia, nossos contatos ficaram bem menos frequentes, se resumindo a uma ou outra confraternização de final de ano, ou a bate papos pelo Messenger. Nosso último encontro, antes de sua morte, se deu em 2019, no velório de sua mãe. Apesar da ocasião triste, foi muito bom revê-lo após tanto tempo. Conversamos por mais de duas horas, sobre tudo. Filmes, livros, trilhas sonoras, viagens, coleções e tudo mais o que curtíamos. Quando falamos sobre perdas, como as do meu pai, do meu avô e a de sua mãe, ele repetiu a frase do personagem de Jim Broadbent em “Indiana Jones e o Reino

da Caveira de Cristal”, que consolava o arqueólogo enquanto esse se recordava da morte do pai e de seu amigo Marcus: — “Estamos numa época na qual a vida para de dar e começa a tirar...”. Em pouco mais de um ano a vida tirou o Marcelo do nosso convívio. Ficarão para sempre nas nossas lembranças as risadas, as conversas, as trilhas sonoras curtidas no antigo aparelho de som de sua casa, os pequenos filmes produzidos por nós na MBC, as caçadas por fotos de filmes nos sebos, as expedições até a curva da ferrovia, os empreendimentos da CMCJF, os shows do Killers e as viagens em busca de revistas e discos. Falando em discos, alguns meses depois de sua morte, suas irmãs, Stella e Erika, me presentearam com dois LPs que pertenciam a ele. As trilhas sonoras de “Conan, o Bárbaro” e “Conquista Sangrenta”. Eu as guardei com muito carinho porque, além de serem do meu compositor favorito, Basil Poledouris, também as escutei inúmeras vezes ao lado do meu saudoso amigo. Dentre todas essas lembranças boas, para mim, em particular, permanecerá gravada na memória aquela tarde nublada de 1988, na qual, com a ajuda do amigo César, eu e o Marcelo fizemos uma mulher derreter...

Créditos finais

Estas memórias são dedicadas aos saudosos amigos, e irmãos por afinidade, Carlos Eduardo Cabral e Marcelo Denny de Toledo Leite, que muito cedo nos deixaram. A saudade é imensa, assim como são as lembranças daqueles anos repletos de muitos filmes, boas músicas e ótimas conversas. Que ambos sejam sempre lembrados e homenageados em cada filme que assistirmos ou a cada trilha sonora que escutarmos. Eles serão eternos enquanto vivermos. Assim como é o nosso amor pelo cinema.

Sobre o Autor



Julio Henrique Silva Maziero, 53 anos, nasceu em Pindamonhangaba, SP. Publicitário e técnico em turismo, é

apaixonado por Cinema, História, Música, Ciências, livros, viagens e uma infinidade de outros assuntos.

A paixão pela escrita levou o autor a trabalhar por oito anos em uma editora/agência de publicidade, onde era responsável pela produção de matérias para seis revistas, sendo três delas, em parceria com o SEBRAE-SP, para os circuitos turísticos da região (Religioso, Mantiqueira e Vale Histórico); duas institucionais para Shopping Centers (Guaratinguetá e Osasco); e uma voltada para os apreciadores de café. O conteúdo dos textos era variado, abrangendo História, artes, comportamento, religiosidade, Turismo, natureza e outros.

Seu amor pelo cinema permitiu que escrevesse críticas para veículos regionais de imprensa, como jornais, revistas e blogs. Atualmente é administrador de três páginas sobre cinema e colecionismo no Facebook (Clube dos Cinéfilos, Nerds & Afins e Coleção em Foco) e duas focadas em Turismo (Viagens da Turma do Julio e Colecionadores de Cachoeiras). É também colecionador de filmes em DVD e Blu-ray, trilhas sonoras e livros sobre a Sétima Arte.

“Memórias de um Cinéfilo dos Anos 80” é seu segundo livro. O primeiro, intitulado “Névoas da História – O Segredo do Tiradentes”, foi lançado em agosto de 2021 na Amazon. A obra é uma ficção-histórica, no estilo das aventuras de Robert Langdon, personagem criado por Dan Brown, mas passada inteiramente no Brasil. Combinando fatos e personagens históricos com uma trama de suspense, ela narra a busca pela cabeça do Tiradentes, roubada em 1792 do poste onde estava exposta, em Vila Rica (atual Ouro Preto).

O autor tem ainda duas novas obras concluídas e em processo de revisão: um horror folk e uma seleção de contos. Seu quinto livro, outra ficção histórica, também já começou a ser escrito.

Aguardem novidades!

A black and white photograph of a VHS tape. The tape is oriented vertically. In the center, there is a block of text in a typewriter-style font. The text reads: "Histórias reais", "sobre amizade,", "coleccionismo", "e amor pelo", "Cinema!". The tape's physical features are visible: two large white reels are at the top and bottom, a central hub is in the middle, and various mechanical parts and screws are visible along the edges.

Histórias reais
sobre amizade,
coleccionismo
e amor pelo
Cinema!